

CARLA JEANNY FUSCA

*VC TC D OND?: A ABREVIACÃO (DE DISTÂNCIAS) NA
INTERNET*

São José do Rio Preto, SP
2011

CARLA JEANNY FUSCA

*VC TC D OND?: A ABREVIACÃO (DE DISTÂNCIAS) NA
INTERNET*

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto, para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos (Área de Concentração: Análise Linguística)

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Fabiana Cristina Komesu
Coorientadora: Profa. Dra. Luciani Ester Tenani

São José do Rio Preto, SP
2011

Fusca, Carla Jeanny

VC TC D OND?: a abreviação (de distâncias) na Internet / Carla Jeanny
Fusca. - São José do Rio Preto: [s.n.], 2011.

104 f. ; il. ; 30 cm.

Orientador: Fabiana Cristina Komesu

Coorientador: Luciani Ester Tenani

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista. Instituto de
Biociências, Letras e Ciências Exatas.

1. Comunicação escrita. 2. Abreviaturas. 3. Internet (Redes de
computação). I. Komesu, Fabiana Cristina. II. Tenani, Luciani Ester. III.
Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências
Exatas. IV. Título.

CDU – 003.083

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IBILCE
Campus de São José do Rio Preto - UNESP

COMISSÃO JULGADORA

TITULARES

Profa. Dra. Fabiana Cristina Komesu (orientadora)

Profa. Dra. Luciani Ester Tenani (coorientadora)

Prof. Dr. Lourenço Chacon Jurado Filho (UNESP/Marília)

Profa. Dra. Fernanda Correa Silveira Galli (USP/Ribeirão Preto)

SUPLENTE

Profa. Dra. Anna Flora Brunelli (UNESP/São José do Rio Preto)

Prof. Dr. Júlio César Rosa de Araújo (UFC/Fortaleza)

Àqueles que me constituem:
Pai
Mãe
Guto

Às orienta-dores:
Fabiana
Luciani

dedico esta Dissertação

AGRADECIMENTOS

à Fabiana Komesu, pela orientação, pela compreensão, pela amizade, pelos conselhos e pelo incentivo (“FORÇA E ÂNIMO!”; “ESTÁ PRATICAMENTE PRONTA!”);

à Luciani Tenani, pelo acompanhamento e pela dedicação constantes, desde os primeiros trabalhos;

à CAPES, pelo apoio financeiro concedido durante o primeiro ano de realização deste trabalho;

ao Prof. Dr. Manoel Corrêa, pela generosa contribuição concedida em entrevista, quando do início do desenvolvimento desta pesquisa;

aos Professores Lourenço Chacon e Júlio César Araújo; às Professoras Anna Flora Brunelli, Fernanda Galli, Larissa Berti e Sanderléia Roberta Longhin-Thomazi, pelas leituras atentas e sugestões precisas;

aos professores e alunos do programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos e aos participantes do grupo de pesquisa “Estudos sobre linguagem”, pelos debates proporcionados, os quais possibilitaram as reflexões apresentadas neste trabalho;

às amigas do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, em especial a Viviane Vomeiro Luiz Sobrinho, companheira constante em minha trajetória acadêmica;

a meus familiares, em especial, Pai, Mãe, Guto, Manoel, Mécia, Conti, Marina e Arthur;

às irmãs que pude escolher: Priscila e Ligya;

aos “irmãos de armas”: Everton, Vieira, Káthia, Santiago, Karenina, Brasil, Suellen, Agrizi, Loschi, Ferreira, Milagres, Rodrigo e Pimenta, por terem sido companheiros inclusive nos momentos mais difíceis;

aos meus alunos e à Turma Antares, pelo aprendizado, pelo carinho e pelos momentos inesquecíveis;

a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização desta pesquisa,

minha sincera gratidão.

“Pra lembrar quem eu sou
Pra salvar o que ainda restou
Do nosso tempo”
(Cidadão Quem)

SUMÁRIO

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	11
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	16
2.1. A escrita na internet.....	16
2.2. A relação entre fala e escrita no contexto digital.....	28
2.3. O <i>modo heterogêneo de constituição da escrita</i> (digital).....	32
2.4. Os <i>gêneros de discurso</i> e a <i>multimodalidade</i> nas salas de bate-papo digital.....	38
2.5. A relação entre os escreventes e a escrita digital.....	45
3. DESCRIÇÃO DO MATERIAL.....	49
3.1. Apresentação do material.....	49
3.2. As salas de bate-papo abertas.....	50
3.3. Acesso à sala de bate-papo e recursos disponíveis.....	53
4. METODOLOGIA.....	63
4.1. Constituição do <i>corpus</i>	63
4.2. Modelos epistemológicos adotados.....	68
5. ANÁLISE DOS DADOS.....	72
5.1. Das ferramentas empregadas.....	72
5.2. Análise do <i>corpus</i>	75
5.3. As regularidades.....	80
5.3.1. Tipo A.....	80
5.3.2. Tipo B.....	89
5.3.3. Tipo C.....	91
5.3.4. Tipo D.....	94
5.4. Considerações sobre a tipologia proposta.....	95
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	97
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	102

LISTA DE FIGURAS

Figura 01. Representação da página principal do provedor de internet UOL.....	53
Figura 02. Indicação das salas de bate-papo eleitas para a coleta do material.....	54
Figura 03. Representação da organização das salas de bate-papo.....	55
Figura 04. Representação da “tela de acesso”.....	56
Figura 05. Imagem representativa do interior de uma sala de bate-papo virtual....	58
Figura 06. Representação da sílaba de acordo com a teoria autossegmental.....	73
Figura 07. Representação da sílaba de acordo com a teoria métrica.....	73

ÍNDICE DE GRÁFICOS E TABELAS

Tabela 01 Representação de características tidas como específicas da fala ou da escrita (KOCH, 2003).....	29
Tabela 02. Total de abreviaturas encontradas no <i>corpus</i> e recorrência percentual de cada tipo.....	76
Tabela 03. Relação das abreviaturas que compõem o <i>corpus</i>	79
Gráfico 01. Porcentagem de recorrência de cada tipo de abreviatura.....	78

RESUMO

Este trabalho propõe investigar a abreviação em salas de bate-papo abertas (*chats*) da internet, frequentadas por escreventes que afirmam ter entre 15 e 20 anos. O conjunto do material é formado por duas “conversas” virtuais, com duração de 60 (sessenta) minutos cada uma. Reconhecida como uma das características do chamado “internetês”, busca-se refletir que a abreviação não consiste em mero “corte de palavras”, mas em recurso que apresenta regularidade e sistematicidade linguísticas. Esse processo é tomado como indício de (novo) *gênero de discurso* em emergência (BAKHTIN, 1997; MARCUSCHI, 2005). Com a finalidade de verificar os processos formadores de abreviaturas em bate-papos, ou seja, as regularidades linguísticas desse recurso, utiliza-se, como ferramenta de análise, a teoria de sílaba fonológica (SELKIRK, 1982). Acredita-se que, por meio do estudo da estrutura da sílaba, é possível avaliar que a escolha dos grafemas das abreviaturas é fundada na heterogeneidade da escrita (CORRÊA, 2004), visto que o escrevente pode se basear tanto em práticas orais/faladas quanto em práticas letradas/escritas para sua composição estrutural. Considera-se também que o funcionamento e a emergência de um modo de enunciação digital apenas são possíveis em meio a uma sociedade *líquida* (BAUMAN, 2004), caracterizada pela não permanência e fragilidade das relações entre os sujeitos. A consideração desses fatores parece ser indispensável para o entendimento de prática social ainda pouco (ou não) reconhecida.

Palavras-chave: heterogeneidade; gêneros de discurso; abreviação; escrita; internet.

ABSTRACT

This research's propose is to investigate the word's abbreviation which appears on the internet chats, used by writers who affirm to be around 15 or 20 years old. The material's amount is composed by two virtual "conversations" that spends around 60 minutes which one. Recognized as one characteristic of the well-known "internetês", we consider that this abbreviation is not a simple attempt to "cut the words", it is a resource that presents linguistics' regularity. This process is seeing as a clue of a (new) *speech genres* that is borning (BAKHTIN, 1997; MARCUSCHI, 2005). In order to verify the process that forms possible abbreviations used on chats, in other words, the linguistic regularities of that resource, it is used, as a tool of analyze, the theory of phonological syllable (SELKIRK, 1982). It is believed that, based on the syllable structure's study, it is possible to assess that the choice of the abbreviation's graphemes is based on the writing heterogeneity (CORRÊA, 2004), since the writer can be based on oral/spoken practices or on literate/written practices. It is also considered that the operation and the emergency of a digital way to enunciate is only possible in a *liquid* society (BAUMAN, 2004), that is not characterized because of the fragile and permanent relationship among subjects. Considering these factors it seems to be indispensable to comprehend the social practices which are rarely (or never) recognized.

Key-words: heterogeneities; speech genres; abbreviation; writing; internet.

1.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Aprenderá como se diz aqui: cada homem é todos os outros. Esses outros não são apenas os viventes. São também os já transferidos, os nossos mortos. Os vivos são vozes, os outros são ecos. (COUTO, 2003, p.56)

Neste trabalho, nosso objetivo é estudar a abreviação em *enunciados*¹ produzidos em salas de “bate-papo” abertas da internet, frequentadas por escreventes que dizem ter entre 15 e 20 anos. O material analisado é composto por duas “conversas”, com duração de 1 (uma) hora cada uma delas, coletadas em bate-papos virtuais do provedor UOL (*Universo On-line*). Objetivamos descrever e problematizar aspectos linguísticos do processo em análise, o qual, a nosso ver, indicia o surgimento de (novo) *gênero de discurso* (BAKHTIN, 1997).

Além desse objetivo, de natureza mais geral, propomo-nos a:

- i) estudar a abreviação na internet, levando-se em consideração as relações estabelecidas entre os parceiros da comunicação no contexto da tecnologia digital;
- ii) estudar características do chamado “internetês”, especialmente, a abreviação, como recurso da língua portuguesa, dotado de regularidade e sistematicidade;
- iii) estudar a situação de produção e recepção de certo tipo de (hiper)texto da internet, problematizando a relevância de um suporte material que possibilita determinado modo de constituição e circulação de escreventes e leitores;

¹ A definição de *enunciado* é apresentada na próxima Seção.

- iv) estudar regularidades formadoras de abreviaturas na/da internet por meio do uso de teoria fonológica da sílaba, conforme proposta de Selkirk (1982).

Para que os objetivos desta pesquisa sejam alcançados, levamos em consideração o que muitos críticos da escrita produzida na internet costumam ignorar: a existência de fatores importantes que constituem essa (e todas as outras) prática(s) de letramento/escrita². Dentre esses fatores, encontram-se não apenas questões relacionadas à caracterização da estrutura da língua, mas também à situação comunicativa que propicia a emergência de enunciados e discursos mediante relação – *radicalmente dialógica* – estabelecida entre os sujeitos da comunicação, em atividade verbal determinada (BAKHTIN, 1997). Nesse sentido, este trabalho busca articular questões linguísticas (observação de processos regulares que regem certas escolhas linguísticas) a aspectos discursivos (situação enunciativa, de cunho sócio-histórico, que permite a emergência de determinada atividade verbal).

O “internetês” é reconhecido, socialmente, pela constante prática de abreviação de palavras – processo, esse, tido como caótico e assistemático em termos de linguagem. Nessa atividade, é comum que sejam identificadas características ortográficas, lexicais, sintáticas e textuais bastante distintas daquelas que um texto, por exemplo, o científico, apresenta. Abreviaturas abundantes, excesso e/ou falta de pontuação, simplificações de grafia, uso de “carinhas” (*emoticons*) são algumas das especificidades da prática de escrita em questão.

Com a popularização da internet e, posteriormente, dos programas de bate-papo disponíveis na rede, a escrita passou por modificações, principalmente gráficas, no

² Essa terminologia é proposta por Corrêa (2004) a fim de explicitar a indissociabilidade entre fato da língua (fala e escrita) e prática social (oralidade e letramento), razão pela qual os pares são denominados como práticas orais/faladas e letradas/escritas.

sentido de facilitar o processo de digitação e manter uma interação com o “outro” o mais próxima possível da conversação face a face.

De nosso ponto de vista, as escolhas linguísticas que definem o “internetês” se apóiam fortemente em características da língua portuguesa, o que contraria a ideia de que o “internetês” não seria língua portuguesa. Mais especificamente, sobre a abreviação em bate-papos, observamos a importância da consideração da estrutura silábica no momento da escolha de qual grafema será omitido para compor abreviaturas.

Assumindo a importância da situação de comunicação em que escrevente e leitor se inserem, bem como a relevância do tipo de relação estabelecida entre escreventes de salas de bate-papo para a emergência de efeitos de sentido, investigamos a abreviação em textos provenientes de salas de bate-papo abertas da internet. Mais do que simples redução gráfica, visualizamos a tentativa, por parte do escrevente, de *abreviação da distância física que o separa de seu interlocutor*,³ *de modificação de enunciados já ditos e de redução temporal do processo de escrita*.

Embora amplamente criticada principalmente pela mídia, de forma geral, os profissionais da área de comunicação parecem, em alguns momentos, reconhecer a importante função de aproximação que desempenha a abreviação observada na internet. É o caso, por exemplo, do programa televisivo “Fantástico”, da Rede Globo, apresentado aos domingos à noite. O referido programa, com o intuito de aproximar os telespectadores dos temas apresentados, criou, em meado de julho de 2009, o quadro chamado *VC NO FANTÁSTICO*. Por meio desse quadro, os telespectadores eram convidados a enviar vídeos para o *site* do programa, por meio dos quais apresentavam opinião a respeito de diversos temas abordados no programa televisivo.

³ Em entrevista concedida em outubro de 2006, o Prof. Dr. Manoel Luiz Gonçalves Corrêa, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP), alertou-nos para a possibilidade de existência desse processo, com o objetivo de não perder de vista a concepção dialógica da linguagem. Essa sugestão foi particularmente significativa e merece crédito explícito.

Ora, o título do quadro nada mais é do que reconhecimento da função aproximativa dessa prática de escrita multimodal que emergiu no interior de (novos) *gêneros* caracterizados pela velocidade de envio e recebimento de mensagens escritas, pela interação – agora, em tempo real – com leitores/escreventes que, embora conectados, encontram-se distantes fisicamente. É nessa *atividade cambiante* que procuramos inscrever nossa reflexão sobre a produção textual escrita na internet.

Na próxima Seção, apresentamos os subsídios teóricos que norteiam o estudo que propomos acerca da abreviação. Apresentamos visões de diferentes autores sobre características da escrita produzida na internet (MARCUSCHI, 2005; CRYSTAL 2005) e sobre a condição de *hipertextualidade*, constitutiva do bate-papo digital (BRAGA, 1999; MARCUSCHI, 2005; ARAÚJO & BIASI-RODRIGUES, 2005). Discutimos, também, diferentes perspectivas sobre a relação entre fala e escrita (KOCH, 2003; CHAFE, 1985; MARCUSCHI, 2000) e assumimos o *modo heterogêneo de constituição da escrita* (CORRÊA, 2004) na investigação do fenômeno em questão. Ainda nessa Seção, consideramos o bate-papo analisado como (novo) *gênero de discurso emergente* (ARAÚJO, 2005, 2006; MARCUSCHI, 2005), de natureza *multimodal* (KRESS & Van LEEUWEN, 2001). A abreviação emerge nessa situação de comunicação em que a relação estabelecida entre escrevente e leitor é *líquida* (BAUMAN, 2004), consequência de uma sociedade marcada pela *tacocracia* (CORTELLA, 2009) e por novas maneiras de projeção dos espaços (GALLI, 2008).

Na Seção 3, procedemos à descrição técnico-discursiva das salas de bate-papo abertas, onde o material para a realização deste trabalho foi coletado. Discutimos os

principais recursos disponíveis nesse ambiente digital e quais as consequências linguísticas e discursivas do uso (ou não) dos recursos oferecidos pelo sistema. Na Seção 4, apresentamos os critérios de constituição do *corpus* e procuramos definir o conceito de *abreviação*. Em seguida, propomos avaliar esse processo mediante análise quantitativa e qualitativa no tratamento dos dados.

Na Seção 5, discutimos a noção de sílaba (SELKIRK, 1982), a qual é utilizada como ferramenta de análise. Propomos a organização das abreviaturas coletadas em quatro tipos (A, B, C e D), de acordo com regularidades linguísticas observadas. Por fim, apresentamos as considerações finais na Seção 6.

2.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

(...) Porque eu havia lido em algum lugar que as palavras eram conchas de clamores antigos. Eu queria ir atrás dos clamores antigos que estariam guardados dentro das palavras (...). (BARROS, 2010, p. 15)

2.1. A escrita na internet

Nesta Seção, apresentamos a visão de autores que discutem a prática de escrita na/da internet. Essas reflexões consistem em importante contribuição para o estudo aqui apresentado, ainda que objetivos, propostas e resultados dessas pesquisas possam, por vezes, divergir dos nossos.

Nosso interesse é refletir sobre o fenômeno da escrita na internet de uma perspectiva, ao mesmo tempo, linguística e discursiva, na investigação de regularidades que caracterizam a prática em bate-papos na rede, considerando, também, fatores tomados como exteriores à língua(gem). Destacamos o estudo realizado por Luiz Sobrinho (2010), que trata da pontuação em enunciados de bate-papos virtuais, priorizando a investigação do uso da vírgula em contextos nos quais a gramática não prevê esse uso. A exemplo de Luiz Sobrinho (2010), objetivamos, pois, analisar *enunciados* coletados em salas de bate-papo virtual, com foco em aspectos linguísticos e discursivos que, a nosso ver, condicionam a produção dos dizeres nesse ambiente digital.

Primeiramente, discutimos dois conceitos fundamentais em nosso trabalho : os de *enunciado* e de *discurso*. Passamos, em seguida, para a discussão de propostas de outros autores em relação à prática de escrita observada na internet.

Consideramos *enunciado* a maneira pela qual, segundo Bakhtin (1997), a utilização da língua se materializa. Os enunciados, de acordo com o autor, podem ser falados ou escritos e são concretos e únicos, pois refletem as condições específicas e as finalidades das esferas no interior das quais são produzidos, não apenas pela seleção operada nos recursos da língua (conteúdo temático e estilo verbal), mas também por sua construção composicional. Nesse sentido, *conteúdo temático*, *construção composicional* e *estilo* são elementos constitutivos dos enunciados e indiciam características de sua esfera de produção/circulação (BAKHTIN, 1997).

Segundo Fiorin (2006), Bakhtin conceitua enunciado concreto como elo na cadeia da comunicação verbal de uma dada esfera, o qual se distingue de unidades da língua (palavras e orações). Na avaliação de Fiorin, a primeira característica que distingue enunciado de unidades da língua, numa perspectiva bakhtiniana, é a posição de autoria, intrínseca ao enunciado, ao passo que as unidades da língua não pertencem a ninguém. Além da posição de autoria, o enunciado apresenta destinatário, enquanto as unidades da língua não são dirigidas a ninguém. Fiorin destaca também, com Bakhtin, que as unidades da língua não têm acabamento, não constituem *todo que possibilita resposta*. Os enunciados, por outro lado, apresentam emoções, juízos de valor, expressões (FIORIN, 2006).

Neste trabalho, buscamos estudar *enunciados* e não unidades da língua, pois levamos em consideração a atividade dos sujeitos escreventes, a situação de comunicação em que esses enunciados são produzidos e pela qual circulam, bem como

o fato de que se constituem, sempre, como resposta a outros enunciados, anteriormente ditos, no *dialogismo* característico da linguagem.

A propósito do *dialogismo*, entendido como fenômeno social de interação verbal, no tratamento sócio-histórico da enunciação, procuramos estabelecer aproximação entre esse conceito e a definição de *discurso*, por acreditarmos na relevância dessa reflexão para a análise de fenômenos da língua(gem). Segundo Fiorin (2006), “nosso discurso não se relaciona diretamente com as coisas, mas com outros discursos, que semiotizam o mundo. Essa relação entre os discursos é o dialogismo” (FIORIN, 2006, p.167). Assim, seria possível conceber dialogismo como *diálogo entre discursos*, entendidos como abstração, como posição social. Conforme observa Fiorin, no que diz respeito à visão bakhtiniana, na comunicação verbal real o que existem são enunciados, constitutivamente dialógicos. O discurso consiste em realidade apenas aparente – mas realidade – de que os falantes concebem o (seu) discurso autonomamente, conferindo-lhe identidade essencial (FIORIN, 2006, p.181). Em Bakhtin, o discurso é, pois, linguístico e histórico (FIORIN, 2006). Nas palavras de Fiorin:

Com a concepção dialógica de linguagem, a análise histórica de um texto deixa de ser a descrição de uma época em que o texto foi produzido e passa a ser uma fina e sutil análise semântica, que leva em conta confrontos sêmicos, deslizamentos de sentido, apagamentos de significados, interincompreensões, etc. Em síntese, em Bakhtin a História não é algo exterior ao discurso, mas é interior a ele, pois o sentido é histórico. Por isso, para perceber o sentido, é preciso situar o enunciado no diálogo com outros enunciados e apreender os confrontos sêmicos que geram os sentidos. (FIORIN, 2006, p. 191-192)

Em nosso trabalho, interessa-nos problematizar a emergência de (novos) enunciados na internet, segundo valoração da relação entre história, sociedade e cultura que possibilita o surgimento de uma ferramenta como o bate-papo virtual, instrumento

por meio do qual promove-se tanto a abreviação de palavras quanto da distância entre os interlocutores.

Em relação à escrita produzida em ambiente digital, interessa-nos apresentar pontos de vista de autores que se debruçaram sobre o tema a fim de que as especificidades da prática de escrita em questão sejam evidenciadas.

Para Marcuschi (2005), na era eletrônica na qual vivemos, não se pode mais postular como propriedade típica da escrita a relação assíncrona, caracterizada pela defasagem temporal entre produção e recepção. Os bate-papos virtuais, segundo o autor, são síncronos, ou seja, realizados em tempo real e – até o momento da publicação do texto do autor – essencialmente escritos⁴ (MARCUSCHI, 2005). Tendo em vista que a recepção do enunciado é praticamente simultânea à sua produção, temos, segundo Marcuschi, ambiente que redefine características, em geral, atribuídas a práticas escritas. Uma delas é o “atraso” temporal entre a produção do enunciado e sua posterior leitura – atraso esse que não se observaria na escrita na internet.

Se, na internet, características tidas como próprias da escrita são redefinidas pelos usos dos sujeitos, podemos observar uma escrita que tende a ser mais abreviada dentre usuários de determinados grupos. De acordo com Marcuschi (2005), as frases produzidas em tempo real são, geralmente, curtas e expressivas, para que sejam escritas no menor tempo possível. Conforme o autor, é preciso ser rápido na internet, já que pode haver interação com mais de um usuário ao mesmo tempo.

Especificamente sobre “mensagens” escritas enviadas por meio de aparelhos de celular, Crystal (2005) pondera que, além da velocidade exigida pelas tecnologias, a restrição do número de caracteres na composição dos enunciados contribui para o fato

⁴ A ampla difusão das tecnologias de informação e comunicação, as quais proveram meios técnicos que possibilitaram reconfiguração das noções de tempo e de velocidade dos contatos e de trocas de informações, permite na atualidade e num futuro próximo pensar que o bate-papo pode vir a ser essencialmente **falado, veiculado por imagem** e não mais escrito.

de que “os mais jovens abreviam palavras nas suas mensagens” (CRYSTAL, 2005, p.91). O autor ressalta, porém, que as pessoas abreviam há gerações e que, de maneira geral, na internet, o princípio que rege a atividade de escrita seria o do “economize uma teclada”.

Notamos, assim, que o abundante uso da abreviação comumente é atribuído à juventude, à velocidade e, no caso do celular e, mais recentemente, do Twitter,⁵ ao espaço restrito para a elaboração de mensagens. Consideramos necessário, no entanto, levar em conta outros fatores que, de nossa perspectiva, condicionam a escrita abreviada de bate-papos. Há que se observar, por exemplo, o tipo de relação estabelecida por meio dessa ferramenta da internet, bem como os recursos que ela oferece para seus escreventes. Considerar em que sociedade está inserido o escrevente e a relação que ele estabelece com a (sua) escrita e com o outro em dado ambiente é assumir a complexidade enunciativa envolvida na prática de escrita em análise.

Nesse sentido, acreditamos que escreventes separados fisicamente e em diálogo (escrito) direto e sincrônico (ou seja, em tempo real) tendem a se apropriar da abreviação, como tentativa de aproximar o outro de si, mediante prática social-discursiva. Esse mesmo processo pode ser observado, como mencionado, em textos produzidos e enviados por meio de aparelhos de celular, uma vez que a relação que se mantém também é de distanciamento físico entre enunciadores. Mais do que mero corte de palavras, como suposto de uma perspectiva idiossincrática sobre o uso da língua, a abreviação é considerada, neste trabalho, como resultante de relação sócio-histórica entre escrevente, linguagem, suporte e o outro do processo de enunciação.

⁵ É uma rede social, criada em 2006, na qual usuários podem enviar e receber informações escritas, principalmente a respeito da rotina de seus contatos, por meio de enunciados escritos de até 140 caracteres. Assim como nos enunciados escritos e enviados por meio de aparelho celular, há limitação de espaço nessa ferramenta de comunicação.

Tendo em vista a especificidade da atividade de escrita em bate-papos da internet, pesquisadores do tema buscam caracterizar essa atividade de acordo com as concepções de língua, de fala e de escrita que assumem em seus estudos. Marcuschi (2005), por exemplo, defende que não se pode dizer que com a internet tenha emergido uma linguagem nova. Para o autor, a internet corroborou uma nova maneira de se relacionar por meio da linguagem. Essa nova forma de interação seria mais próxima da oralidade/fala⁶, “se observamos que fala e escrita são modalidades não homogêneas e dicotômicas, mas, sim, em alguns gêneros, híbridas, que se relacionam por meio de um *continuum* de gêneros textuais” (MARCUSCHI, 2005).

Para Crystal (2005), no entanto, a prática de escrita digital é tão peculiar que difere em muitos aspectos tanto da fala quanto da escrita. Para designá-la, o autor criou termo específico: chamou-a de *netspeak* (“fala da rede”). O autor defende que o *netspeak* é mais compreendido como “uma linguagem escrita que foi empurrada em direção à fala do que uma linguagem falada que foi escrita” (CRYSTAL, 2005, p.89-90). Crystal reconhece, contudo, que expressar essa questão em termos de dicotomia radical pode ser enganador.

Braga (1999) também defende que é inviável a consideração de dicotomias rígidas, principalmente, no estudo do hipertexto. Para a autora, o hipertexto se constrói de forma *híbrida* e incorpora não apenas aspectos da fala e da escrita, mas também de outras linguagens que os avanços tecnológicos colocam à disposição dos usuários.

O contexto cibernético, de acordo com essa autora, possibilita que a escrita ocupe espaços antes reservados para as interações orais e viabiliza a emergência de tipo de texto “novo”, por Braga reconhecido como *hipertexto*, o qual se caracteriza pelo

hibridismo dos fatos linguísticos, uma vez que incorpora textos escritos e falados, além de diferentes recursos audiovisuais.

Marcuschi (2005), Crystal (2005) e Braga (1999) parecem concordar que a natureza hipertextual da internet põe em xeque concepções de língua que consideram fala e escrita como modalidades dicotômicas. No entanto, a escrita, nesses estudos, ainda parece ser apreendida como tecnologia com características próprias e distintivas, em oposição à fala, mesmo que esforços teóricos tenham sido direcionados à reflexão não mais sobre uma dicotomia, mas sobre um hibridismo, no caso de Crystal (2005) e Braga (1999), ou sobre um *continuum* de gêneros textuais, como proposto por Marcuschi (2004).

Como observam Komesu e Tenani (2010), em acordo com a avaliação teórico-metodológica feita por Corrêa (2004), a noção de contínuo consiste em importante contribuição metodológica no que se refere ao estudo dos gêneros, incluídos os digitais. Entretanto, as pesquisadoras advertem, ainda com Corrêa (2004), que no plano teórico esse conceito preserva a ideia da subdivisão, agora em vários estratos, embora reconheça a relação entre fatos linguísticos – relação fala X escrita – e práticas sociais – oralidade X letramento (KOMESU; TENANI, 2010). Voltaremos a discutir a proposta de Marcuschi (2004) ainda nesta Seção.

Parece ser importante, por ora, refletir sobre o caráter de escrita dos enunciados produzidos na internet. Corrêa (2004) discute as propriedades fundamentais da escrita, vista como tecnologia. Segundo o autor, a escrita possui materialidade, ou seja, traços gráficos passíveis de manipulação técnica; é fixável no plano e pode ser apreendida visualmente. A escrita permite, ainda, que o material apreendido no produto gráfico (a dimensão sonora e as unidades significantes do enunciado oral) adquira flexibilidade em relação ao objeto de sua apreensão, tornando-o suscetível às experimentações

possibilitadas pelo registro dado à visão. Por fim, Corrêa afirma que a visibilidade invariante do produto gráfico acrescenta-lhe a propriedade de permanecer no tempo⁷.

Levando-se em consideração as propriedades fundamentais da escrita, apresentadas por Corrêa (2004), é possível considerar que a escrita produzida na internet apresenta, de certa forma, as características supracitadas de maneira bastante específica, decorrência, principalmente, da especificidade do suporte – o digital. Consideramos que a escrita na/da internet apresenta traços gráficos, e é passível de fixação no plano, principalmente, se pensarmos na possibilidade de impressão dos enunciados digitais. Também é suscetível ao registro da visão e é passível de permanecer no tempo –consideradas tanto a possibilidade de impressão quanto a de dispositivo de memória do suporte material, capaz de receber, conservar e restituir dados.

Nesse sentido, consideramos que a escrita produzida na internet apresenta características da escrita produzida em outros contextos. Ressaltamos que as tecnologias que sustentam a escrita manuscrita, por exemplo, não são as mesmas que sustentam a escrita na/da internet. A tecnologia, de acordo com Chauí (1995), é saber teórico que se aplica na prática, enquanto a técnica é conhecimento empírico que, graças à observação, elabora conjunto de receitas e práticas para agir sobre as coisas. A escrita pode, assim, ser concebida como tecnologia, uma vez que seu domínio exige a submissão a um processo de aprendizado de saber teórico. No entanto, a tecnologia da escrita não é a mesma para todos os gêneros no interior dos quais esse modo de enunciação é utilizado. Em outras palavras, na internet, o suporte digital (mas não apenas) condiciona a emergência de uma atividade de escrita específica a esse “artefato tecnológico e cultural, próprio da contemporaneidade” (LUIZ SOBRINHO & KOMESU, 2009).

⁷ Ressaltamos que, com o advento de aparelhos gravadores de voz, é possível considerar que também o modo de enunciação falado é passível de permanecer no tempo.

Acreditamos, portanto, na emergência de um modo de enunciação digital, do qual a prática de bate-papos virtuais participa.

Nos bate-papos pesquisados, embora o usuário disponha de grande diversidade de recursos semióticos, Araújo e Biasi-Rodrigues (2005) observam que o mais utilizado desses recursos, até a data da publicação de seu estudo, parece ser a escrita. Entretanto, para que os usuários se mantenham conectados com muitos, a escrita passa por modificações: as mensagens são curtas, compostas por poucos caracteres e abreviação. As modificações pelas quais a escrita passa, em ambiente digital, podem, de acordo com os autores, torná-la de difícil compreensão para iniciantes no gênero (ARAÚJO & BIASI-RODRIGUES, 2005).

Araújo e Biasi-Rodrigues atentam para outro fator que corrobora o uso abundante de abreviaturas: o fato de que um escrevente pode se comunicar com muitos internautas ao mesmo tempo. Notamos, desse modo, uma característica do gênero que condiciona não somente a atividade de escrita, mas, também, a “qualidade” das relações estabelecidas por meio da internet. Como a quantidade de escreventes que “entram” e “saem” das salas de bate-papo é grande (basta observar os avisos emitidos pelo servidor, na página principal, sempre que alguém “entra” em ou “sai” de uma sala), busca-se, em pouco tempo, a conexão com o maior número possível de escreventes. Por esse motivo, não somente os enunciados (da língua) são abreviados, mas, principalmente, as relações estabelecidas (em nível de discurso) por meio de bate-papos digitais.

A dificuldade de compreensão da escrita na internet é explicada, por alguns autores, pela “interferência” da fala na escrita. Silva (2006), pesquisadora do português europeu em bate-papos virtuais, afirma em seu trabalho que o “discurso oral *interfere* na escrita telemática síncrona”, condicionando-a. No entanto, embora haja alterações em relação às formas ortográficas canônicas das palavras, bem como em relação às

convenções da escrita (principalmente, no que tange à pontuação), os “falantes”, segundo essa pesquisadora, têm conhecimento ortográfico relevante. Esse conhecimento lhes permite, de acordo com Silva, ora preservar a ortografia convencional, ora infringi-la de forma deliberada e intencional, como maneira, principalmente, de criarem estilo próprio.

A dificuldade de apreensão dos sentidos de enunciados que emergem na internet pode estar relacionada com o tipo de contato que determinado escrevente estabeleceu com o meio digital, ou, especificamente, com gêneros digitais que possibilitam a interação em tempo real. Acreditamos, porém, que a produção de sentido (ainda que não seja o privilegiado pelo escrevente ou o esperado pelo leitor) é resultante de aspectos partilhados entre escrevente e leitor, em situação de enunciação sócio-historicamente determinada. O escrevente que não tem prática de interação por meio de bate-papos digitais pode ter dificuldade na pretensa “decodificação” dos enunciados, desconsiderando, porém, que aqueles textos não foram produzidos tendo, em seu *horizonte de visão*, a projeção da imagem de principiante em atividade escrita na internet. Discutimos de maneira mais detalhada esse “estranhamento” na Seção de descrição do ambiente no qual foi realizada a coleta do material desta pesquisa. Adiantamos que, nos bate-papos virtuais, a abreviação é recurso recorrente por diversos motivos, dentre eles, a constante retomada de dizeres *já-ditos*⁸ (BAKHTIN, 1997). O conteúdo temático dos enunciados pouco varia e o reconhecimento do (re)aparecimento desses dizeres é fundamental para produção de sentidos na internet. Aqueles que frequentemente se inserem na prática de escrita em questão conseguem, de alguma forma, “prever” os objetivos e interesses da interação; em outras palavras,

⁸ “O objeto do discurso de um locutor, seja ele qual for, não é objeto do discurso pela primeira vez neste enunciado, e este locutor não é o primeiro a falar dele. O objeto, por assim dizer, já foi falado, controvertido, esclarecido e julgado de diversas maneiras (...)” (BAKHTIN, 1997, p.319).

(...) Aprendemos a moldar nossa fala às formas do gênero e, ao ouvir a fala do outro, sabemos de imediato, bem nas primeiras palavras, pressentir-lhe o gênero, adivinhar-lhe o volume (a extensão aproximada do todo discursivo), a dada estrutura composicional, prever-lhe o fim, ou seja, desde o início, somos sensíveis ao todo discursivo (...). (BAKHTIN, 1997, p. 302)

Das reflexões até aqui apresentadas, um aspecto principal pode ser destacado. Esse aspecto parece ser frequente em estudos que enfocam o tema da escrita na internet.

Referimo-nos à ideia de que a escrita digital apresentaria características tidas como típicas de gêneros falados, daí a relação que se faz entre essa prática de escrita e a fala – relação observada de maneira mais explícita em Silva (2006) e Crystal (2005), principalmente, quando esse último utiliza o termo *netspeak*, ou seja, “*fala* da rede”. Essa aparente proximidade entre fala e escrita tem chamado a atenção de diversos estudiosos do tema e tem se difundido, também, em meios de comunicação e escolas, os quais se manifestam preocupados com a manutenção da “integridade” da ideia que têm a respeito de língua portuguesa.

Komesu e Tenani (2010) salientam que a imagem de degradação da escrita decorrente do uso da tecnologia digital está baseada no pressuposto de que existiria modalidade *pura* de uso da língua, associada seja à norma culta padrão, seja à gramática, seja à imagem de seu uso por autores literários consagrados, enfim, “um tipo de escrita sem ‘interferências da fala’ que deveria ser seguido por todos em quaisquer circunstâncias” (KOMESU; TENANI, 2010, p. 04).

A relação entre fala e escrita na internet será discutida de modo mais específico ainda nesta Seção. Por ora, é importante reconhecer que a variedade escrita com maior prestígio sócio-cultural é, de fato, aquela institucionalizada por meio de gramáticas, manuais e dicionários de língua portuguesa.

Bagno (2002) observa que a expectativa vigente na sociedade é de que a escola ensine “português”, entendido, comumente, como sinônimo de “gramática normativa”.

Segundo o autor, há cobrança sobre o ensino de língua para que continue a reproduzir uma prática de ensino prescritivo-normativo, cujas linhas mestras foram fixadas há mais de dois mil anos, mas que ainda são tidas como “dignas de reverência quase religiosa” (BAGNO, 2002, p.16). A norma culta, de acordo com esse autor, geralmente, é identificada com a própria noção de “língua portuguesa” ou de “português”, numa equivocada sinonímia de graves consequências tanto para o indivíduo quanto para a sociedade. O uso que não está consagrado nessa “norma culta” simplesmente não existe ou não é português (BAGNO, 2002).

(...) Esse modo de conceber os fatos de linguagem condena ao submundo do não-ser todas as manifestações linguísticas não-normatizadas, rotuladas automaticamente de “erro” – e, junto com as formas linguísticas estigmatizadas, condena-se ao silêncio e à quase inexistência as pessoas que se servem delas. (BAGNO, 2002, p. 21)

Gnerre (1998) já havia observado o fato de que a chamada língua padrão consiste em sistema comunicativo ao alcance de parte reduzida dos integrantes de uma comunidade. Por esse motivo, é considerada patrimônio cultural, *corpus* definido de valores fixados na tradição escrita. A língua está relacionada a valores sociais, o que significa que a valoração linguística baseia-se na valoração social – “uma variedade linguística ‘vale’ o que ‘valem’ na sociedade seus falantes” (GNERRE, 1998, p.6). A variedade culta é associada à escrita e é associada à tradição gramatical; é inventariada nos dicionários e é a portadora legítima de tradição cultural e de identidade nacional.

Se o modelo de língua ensinado pela escola está calcado em escolhas linguísticas de camadas de maior prestígio social e como essas escolhas são legitimadas (no sentido, proposto por Gnerre (1998), de “dotadas de idoneidade ou dignidade”) por gramáticas e dicionários, não surpreende o fato de que uma prática de escrita como a desenvolvida em ambiente digital seja criticada. Quando se observa essa atividade de

escrita aparentemente alheia ao que preconizam saberes institucionalizados, a tendência é a de que ela provoque “estranhamento” (*aversão*). É o que ocorre com a escrita em ambiente digital.

Nossa proposta é a de que deixemos, por um lado, uma visão dicotômica entre fala e escrita, que orientaria a avaliação da escrita na internet como “transcrição fonética” ou “fala escrita”; por outro, uma visão prescritiva sobre a língua, a qual pouco permite analisar fenômenos da perspectiva dos estudos linguísticos. O objetivo é proceder a uma análise da abreviação no interior de dada situação comunicativa, a digital, observando-se questões da língua e do discurso.

2.2. A relação entre fala e escrita no contexto digital

A análise linguística de textos escritos tidos como “marginalizados”, ou seja, não legitimados, principalmente, pela instituição escolar tradicional, não pode se resumir à busca de características homogêneas e bem definidas que possibilitem ao pesquisador afirmar que, de fato, aquela produção pode ser considerada como “padrão” de escrita. Esse tipo de busca por características definidas tanto da fala quanto da escrita baseia-se numa visão dicotômica de língua, segundo a qual se procuram diferenças claras entre fala e escrita. Entre as quais, as mais frequentemente mencionadas, segundo Koch (2003), são as seguintes:

Tabela 01: Representação de características tidas como específicas da fala ou da escrita (KOCH, 2003)

Fala	Escrita
Contextualizada	Descontextualizada
Implícita	Explícita
Redundante	Condensada
Não-planejada	Planejada
“Modus pragmático”	“Modus sintático”
Fragmentada	Não-fragmentada
Incompleta	Completa
Pouco elaborada	Elaborada
Pouca densidade informacional	Densidade informacional
Frases curtas, simples ou coordenadas	Frases complexas, com subordinação abundante
Pequena frequência de passivas	Emprego frequente de passivas
Poucas nominalizações	Abundância de nominalizações
Menor densidade lexical	Maior densidade lexical

Essa separação radical é conhecida como a “grande divisa” e costuma postular características distintas para a fala e para a escrita, como evidenciado na Tabela 01. De acordo com Komesu e Tenani (2010), fundamentadas em Corrêa (2004), essa noção concebe escrita como modalidade da língua, fundada em aspecto estritamente semiótico. Levando-se em consideração a suposta fixidez no plano e sua apreensão visual, essa noção de escrita concebe tal modalidade como não-fragmentada, elaborada, planejada, condensada, descontextualizada, em oposição à modalidade falada, que seria fragmentada, redundante, pouco elaborada, descontínua, desprovida de qualquer planejamento (cf. KOMESU; TENANI, 2010, p.3).

Estudos de Chafe (1985), por exemplo, parecem apontar, de certa maneira, para essa tentativa de apreensão de características pertencentes exclusivamente à fala ou à escrita. Para ele, há duas distinções gerais: i) fala é mais rápida que escrita; ii) falantes interagem com um “auditório”; escreventes, não. Essas duas distinções gerais norteiam o autor no momento em que começa relacionar dispositivos (sintáticos, semânticos, lexicais) por meio dos quais fala e escrita, segundo ele, se opõem.

Interessa-nos discutir essa distinção geral entre fala e escrita, proposta por Chafe. A afirmação de que a fala é mais rápida que a escrita aparentemente

desconsidera os diversos contextos sociais em que a fala ocorre. Por exemplo, a fala de um professor universitário que ministra palestra ou aula para alunos iniciantes tende a ser mais pausada do que uma conversa informal entre amigos. A interação escrita entre usuários de bate-papos, por outro lado, pode ser mais veloz do que a atividade de escrita em contexto escolar. Além disso, da perspectiva teórica assumida neste trabalho, a escrita (seja em “bate-papos” virtuais ou em outros contextos) não consiste em processo solitário, desprovido de “auditório” (“*audience*”). É condição da língua(gem) a noção de alteridade, mediante a qual emerge a noção de subjetividade. Assim, o “outro” é plasmado nos enunciados digitais por meio, por exemplo, da abreviação, entendida, aqui, como tentativa de aproximação do leitor, fisicamente distante, mas atualizado no tempo (sincrônico) e na escrita digital (nas páginas dos bate-papos).

Outros autores buscam examinar a relação entre fala e escrita no âmbito de práticas sociais, ou seja, privilegiando a observação de usos sociais da língua.

Marcuschi (2004), por exemplo, leva em conta “que as diferenças entre fala e escrita se dão dentro de um *continuum* tipológico das práticas sociais de produção textual (...)” (MARCUSCHI, 2004, p.37). Do ponto de vista dos usos cotidianos da língua, esse autor constata que fala e escrita não são responsáveis por domínios estanques e dicotômicos. Há práticas sociais que privilegiam a escrita enquanto outras privilegiam a tradição falada. Marcuschi considera que o ponto central das “confusões” na avaliação de semelhanças e diferenças entre fala e escrita reside no enfoque enviesado – e preconceituoso – a que essa questão foi geralmente submetida e “na metodologia inadequada que resultou em visões bastante contraditórias” (MARCUSCHI, 2004, p.37). Os conceitos de fala e escrita foram construídos, segundo o autor, como tipos ideais que apresentariam princípios opostos, não correspondentes a realidade alguma.

Koch (2003) parece concordar com o que postula Marcuschi e afirma que o que se verifica é que existem textos escritos que se situam, no *continuum*, mais próximos ao polo da fala conversacional (os exemplos, segundo a autora, seriam os bilhetes, as cartas familiares, os textos de humor etc.), ao passo que existem textos falados que mais se aproximam do polo da escrita formal (seria o caso, de acordo com Koch, das conferências, das entrevistas profissionais para cargos administrativos etc.), existindo, ainda, tipos mistos e outros, intermediários.

Corrêa (2004), no entanto, considera que a contemporização da relação entre fala e escrita termina por classificá-las de maneira estanque, homogênea, ainda que a tese da dicotomia seja refutada. Embora Marcuschi (2004) e Koch (2003) reconheçam que fala e escrita são práticas e usos da língua com características próprias, inseri-las em um *continuum* pressupõe, como observa Corrêa (2004) em sua crítica a Marcuschi, a oposição de polos e, portanto, retorno à dicotomia, agora em termos metodológicos.

Com Komesu e Tenani (2010), refutamos noções que concebem a escrita como modalidade da língua e consideramos a escrita como *modo de enunciação*, conforme proposta de Corrêa (2004). Nosso objetivo é, pois, atentar para a abreviação em enunciados digitais, “com seu valor de acontecimento social e histórico”, e não apenas para o aspecto estrutural do produto escrito (KOMESU; TENANI, 2010).

Diferentemente, portanto, da visão de escrita apregoada por Chafe (1995), por exemplo; da oposição (metodológica) entre fala e escrita, pressuposta por Marcuschi (2004) e por Koch (2003); da concepção de escrita propagada pela prática escolar tradicional, baseada no conhecimento gramatical, conforme criticada por Bagno (2002), consideramos, com Corrêa (2004), que a escrita consiste em *processo*, em que e pelo qual o escrevente se fundamenta em hipóteses, de naturezas distintas, para a constituição do (seu) enunciado. Essas hipóteses provêm de suposições linguísticas do

escrevente, resultantes de sua circulação dialógica tanto por aquilo que já foi *escrito/lido* quanto pelo que já foi *falado/ouvido* pelo escrevente. Em outras palavras, na atividade de escrita, o escrevente, necessariamente, leva em consideração a imagem que ele tem do que supostamente consistem os modos de enunciação falado e escrito da língua, em função da relação que estabelece com a linguagem e os modos de representação construídos sobre o (seu) interlocutor e sobre si mesmo (BAKHTIN, 1997; CORRÊA, 2004).

Na tentativa de estudar a complexidade enunciativa da abreviação em enunciados produzidos em salas abertas de bate-papo virtual, propomos, portanto, a adoção do *modo heterogêneo de constituição da escrita* (CORRÊA, 2004). Sobre essa concepção heterogênea de escrita aliada à análise de um modo de enunciação digital é que trata a próxima Seção.

2.3 O modo heterogêneo de constituição da escrita (digital)

Até o presente momento, apresentamos duas das principais concepções das relações entre fala e escrita. Uma delas consiste na visão da dicotomia radical, segundo a qual fala e escrita são modalidades de uso da língua com características totalmente distintas, não-relacionáveis e, conseqüentemente, opostas. Outra concepção apresentada consiste naquela que considera a existência de *continuum* tipológico de práticas sociais de produção textual. No interior desse *continuum* se organizariam diferentes tipos de textos produzidos na sociedade, os quais podem ser mais próximos da fala ou como mais próximos da escrita, segundo essa concepção.

Diferentemente do que propõem os postulados dessas duas perspectivas, Corrêa (2004) propõe que a escrita deixe de ser vista como *produto* no qual se buscam

características típicas e estanques e passe a ser investigada como *processo* no qual o escrevente opera com informações de diversas naturezas para produzir a (sua) escrita, em função das representações construídas sobre seu interlocutor e sobre si próprio. Devido à diversidade da natureza dessas informações, o processo de escrita não pode ser considerado homogêneo.

A complexidade do processo de escrita é evidenciada, na tese de Corrêa, pela análise de textos escritos por candidatos a vestibular. Para o pesquisador, quando o tema é “a redação no evento vestibular”, pode-se dizer que

(...) a produção do texto do vestibulando está mediada, acima de tudo, por imagens sobre uma dada região da língua (variedade de prestígio e registro formal de linguagem) e sobre uma especificação da modalidade (a escrita). Ou seja, cabe ao candidato, no momento da prova, tanto a atividade metalinguística de adequar seu uso da linguagem verbal ao que supõe ser a variedade e o registro discursivos esperados pela Universidade, como a injunção fática de tomar a palavra, pela escrita, e de adequá-la ao que seria o lugar do escrevente: aquele que é capaz, segundo a anunciada expectativa da Universidade, de compreender e de fazer-se compreender satisfatoriamente por meio da escrita (leia-se: do institucionalizado para a sua escrita). (CORRÊA, 2004, p.18)

O processo de escrita se relaciona, pois, com uma diversidade de imagens com as quais o escrevente opera para escrever – o que envolve tanto a imagem acerca da atividade de escrita quanto a de seu lugar como escrevente, em função do interlocutor. Atentar para a heterogeneidade da escrita é valorizar a representação que o escrevente faz da (sua) escrita, do (seu) interlocutor e de si mesmo, dadas as condições sócio-históricas de produção dos enunciados. Para a percepção dos sentidos, é fundamental situar sócio-historicamente os enunciados no *diálogo* com outros enunciados, visando à apreensão dos confrontos característicos da produção dos sentidos (BAKHTIN, 1997; FIORIN, 2006). Valorizando esses aspectos, para Corrêa (2004), é possível chegar a uma especificidade da experiência linguística que traduz não só a imagem que o

escrevente faz da sua escrita, mas, também, uma representação adquirida do grupo de que ele faz parte.

O primeiro passo para a assunção do *modo heterogêneo de constituição da escrita* é aceitar a inextricável relação entre fatos linguísticos (da fala e da escrita) e práticas sociais (de oralidade e de letramento). Para Corrêa (2004) existe uma relação íntima entre fato linguístico e prática social – relação considerada fundamental pelo autor, uma vez que permite questionar a demarcação do campo da escrita “apenas pela constatação óbvia de um material específico – o gráfico – que lhe serve como base semiótica” (CORRÊA, 2004, p.30).

Nesse sentido, o ato de escrever é *sempre* resultado do trânsito do sujeito escrevente por práticas *orais/faladas* e *letradas/escritas*, sendo que o encontro dessas práticas caracteriza a heterogeneidade *da* escrita (e não a heterogeneidade *na* escrita). Destacamos, na terminologia proposta pelo autor, a indissociabilidade entre fato da língua e prática social, razão pela qual os pares são denominados como práticas *orais/faladas* e *letradas/escritas*. Dessa forma, para Corrêa (2004), a heterogeneidade é vista como propriedade constitutiva da escrita, e não como algo exterior que nela se manifesta, como característica pontual e acessória. O que vem sendo considerado pela prática escolar tradicional como marcas da fala na escrita nada mais são, portanto, na visão de Corrêa, que *indícios* da heterogeneidade da escrita.

Ao mesmo tempo em que a relação entre o falado e o escrito deixa de ser vista como “interferência”, o que traria implícita a noção de *pureza* dessas duas modalidades, a heterogeneidade constitutiva da escrita é explicada pela relação que o sujeito mantém com a linguagem, em suas diferentes modalidades. Assim sendo, consideramos, com Corrêa (2004), que esse modo heterogêneo pode ser útil na tentativa de evitar o

preconceito comum com que se tomam algumas produções escritas como menos integradas a um modelo abstrato de “boa escrita”.

Com o intuito de observar as “pistas” linguísticas deixadas pelo escrevente acerca do imaginário sobre a (sua) escrita, Corrêa (2004) constitui três lugares privilegiados aos quais denomina eixos: o primeiro deles refere-se ao modo de constituição da escrita em sua suposta gênese; o segundo diz respeito à apropriação da escrita em seu estatuto de código institucionalizado e o terceiro eixo concerne à relação que o texto do escrevente mantém com o já falado e com o já lido – é o eixo da dialogia com o já falado/escrito.

A gênese da escrita, primeiro eixo de circulação do escrevente, consiste na atribuição de lugar para o oral/falado no letrado/escrito (CORRÊA, 2004). O termo *gênese* não é utilizado por Corrêa com o sentido de “ponto de origem”. Essa gênese seria o produto de processo de reconhecimento do escrevente, que opera, muitas vezes, com hipóteses de “equivalência” entre o falado e o escrito. A imagem de “equivalência” entre essas práticas, de alguma forma, é plasmada na (sua) escrita.

Vale ressaltar, segundo Corrêa (2004), que o enraizamento do saber oral pode ser localizado tanto nas práticas sociais do letramento como nas de oralidade e, inversamente, também é possível detectar o letrado no oral. Como exemplo desse último caso, podemos tomar a literatura oral, que apresenta características tidas como próprias da escrita (rima e escolha vocabular precisa).

O segundo lugar privilegiado de observação da circulação dialógica do escrevente é o da representação do código escrito institucionalizado. De acordo com Corrêa (2004), esse segundo lugar diz respeito aos momentos em que o escrevente busca atingir modelo de expressão considerado autônomo – a escrita culta formal. Nesse sentido, o escrevente supõe que pode transformar a oralidade numa escrita pura, talvez

porque a escrita pode dar à oralidade/fala forma gráfica. O fato é que essa busca por enquadrar(-se) a escrita a um modelo, comumente, leva o escrevente a se exceder numa caracterização do texto baseada em traços que ele supõe como próprios e até exclusivos da escrita.

Por fim, o terceiro eixo de circulação do escrevente é o da dialogia com o já falado/escrito. Para compreender esse lugar de circulação, Corrêa (2004) esclarece que é necessário assumir o caráter fundamental do dialogismo na utilização da linguagem, uma vez que a imagem que o escrevente faz da (sua) escrita caracteriza-se como extensão da necessária dialogia estabelecida com outros textos. Ainda que a concepção de escrita adotada por Corrêa não seja a de representação do mundo, não há como negar que a escrita consiste em tipo particular de enunciação em que as relações com o mundo e com o falado se dão no próprio processo de escrever, o que caracteriza a representação que o escrevente faz da relação escrita/mundo e escrita/falado (CORRÊA, 2004).

Enquanto os dois primeiros eixos se definem como parâmetros mais ou menos difusos, o terceiro eixo liga-se a uma dimensão constitutiva da linguagem em geral e, portanto, também constitutiva da escrita. O terceiro eixo está, pois, na base do processo de constituição da escrita e do sujeito escrevente, porque provê ao escrevente o fundamento de linguagem que lhe permite colocar-se em relação com o outro (CORRÊA, 2004).

A contribuição da concepção de *modo heterogêneo de constituição da escrita* aos estudos sobre a linguagem na internet reside, portanto, principalmente no fato de que o interesse deixa de ser focado exclusivamente no material linguístico e passa a ser, também, o da *dialogia* dos escreventes com o *já falado/escrito* e *ouvido/lido* no processo de escrita na internet.

A consideração dos três eixos de circulação dialógica, propostos por Corrêa (2004), permite a elaboração de hipóteses acerca do trabalho de escrita que subentende àquele produto gráfico – ao qual temos acesso efetivo. Assumimos, dessa forma, que, para abreviar, o escrevente na internet circula tanto por momentos em que se baseia em práticas orais/faladas, quanto por momentos em que se baseia em conhecimentos letrados/escritos que possui.

Em relação aos momentos em que busca aproximar-se da oralidade/fala, podemos notar uma tentativa do escrevente de plasmar, na (sua) escrita, não apenas elementos que considera como pertencentes à fala, mas, também, o “outro”, aquele que, em uma conversação face a face, estaria próximo fisicamente. Essa busca por plasmar o “outro” no discurso é indiciada, no enunciado, principalmente pela abreviatura *vc > você*, amplamente utilizada pelos internautas. Observamos, assim, por meio da abreviatura de pronome de tratamento, a busca por aproximar, diminuir a distância física decorrente da interação escrita na internet – distância que não existe quando se trata da conversação face a face.

No que tange às práticas letradas/escritas, podemos apontar para a escolha não aleatória de elementos gráficos de dado vocábulo, os quais são, de fato, omitidos. Na internet, o grafema mais omitido é aquele que ocupa a posição de núcleo da sílaba, ou seja, a vogal. O escrevente, dessa forma, dá indícios de que percebe que esse elemento é mais facilmente recuperado pelo leitor e, em muitos casos, apropria-se do princípio acrofônico para garantir essa recuperação. É o caso da abreviatura *kd > cadê* na qual se observa que o nome de cada letra é equivalente ao material sonoro das sílabas que compõem o vocábulo que originou a abreviatura. Dessa forma, o escrevente demonstra domínio de natureza alfabética da língua.

2.4. Os gêneros de discurso e a multimodalidade nas salas de bate-papo digital

Para melhor entender as interações que ocorrem em meio digital, alguns autores propõem que as salas de bate-papo abertas sejam consideradas *gênero de discurso* em surgimento (ARAÚJO, 2005, 2006; MARCUSCHI, 2005). Nesta Seção, apresentamos a visão desses autores em relação ao bate-papo virtual, procurando discutir aspectos por eles levantados.

Como o objetivo central deste trabalho não é o de descrever e caracterizar de maneira pormenorizada as salas de bate-papo, estamos cientes de que não podemos afirmar, de modo categórico, que elas podem ser classificadas como *gênero de discurso*. Pretendemos, no entanto, apresentar a proposta de autores que consideram esse ambiente como *gênero* em emergência – e que, para tanto, se propuseram a pesquisar regularidades em relação a *estilo, construção composicional e conteúdo temático* (BAKHTIN, 1997) – e problematizar aspectos que podem contribuir para o desenvolvimento de pesquisas a respeito do tema.

Na esteira de Bakhtin, Araújo (2006) defende que gêneros são artefatos semiotizados pelos homens, que visam a organizar as diversas práticas discursivas. Para Araújo, há uma situação comunicativa na internet que as pessoas costumam reconhecer como *chat*. Dela nascem os gêneros *chats* que, ainda que apresentem funções distintas, herdam traços que os tornam semelhantes entre si. Nesse sentido, para o linguista, o termo *chat* engloba os diferentes tipos de bate-papo disponíveis na rede mundial de computadores, tais como *chat* em aberto, *chat* reservado, *chat* privado, aula *chat* etc.⁹ A

⁹ Para outras informações a respeito de cada um dos tipos dos bate-papos citados, conferir Marcuschi (2005).

expressão *chat* denotaria, então, não um gênero, mas uma *constelação* deles, na avaliação do autor.

A constelação de gêneros é definida por Araújo como “agrupamento de situações sociocomunicativas que se organizam por meio de pelo menos uma característica comum à *esfera de comunicação* que os congrega, partilhando do mesmo fenômeno formativo e atendendo a propósitos comunicativos distintos” (ARAÚJO, 2006, p.74, grifos no original). O conceito de *esfera de comunicação* procede de Bakhtin (1997) e é interpretado por Araújo (2006) como instância discursiva que propicia o desenvolvimento de práticas sociais, as quais são materializadas em gêneros que põem em evidência marcas peculiares. Segundo Grillo (2006), a noção de esfera da comunicação discursiva é compreendida como nível específico de coerção que constitui as produções ideológicas, segundo a lógica particular de cada esfera. Em outras palavras, a forma de um dizer relaciona-se com a esfera em que ele se situa por meio de enunciados estilística, temática e formalmente semelhantes.

A *esfera de comunicação* responsável pela congregação dos gêneros é, segundo Araújo (2006), a internet, pois ela agrega e engendra práticas discursivas diversas. Com o surgimento da internet, novos gêneros foram criados. Como o surgimento de uma nova esfera acarreta o surgimento de novos gêneros, a internet poderia, então, segundo a tese do autor, ser considerada *esfera de comunicação humana*.

A proposta de Araújo é interessante, uma vez que permite organizar a diversidade de bate-papos disponíveis na internet, reconhecendo semelhanças e diferenças entre eles. Concordamos com o autor, no que se refere à existência de situação comunicativa reconhecida como *chat* ou *bate-papo* no ambiente da internet. Essa situação comunicativa, por sua vez, se apresentaria sob a forma de diversos *gêneros*, no sentido bakhtiniano do termo.

Acreditamos, no entanto, que a internet talvez não possa ser considerada uma *esfera de comunicação*. Optamos pela proposta de Luiz Sobrinho e Komesu (2009), pesquisadoras que consideram a internet não como “grande” esfera de comunicação, mas como artefato tecnológico e cultural, próprio da contemporaneidade, no qual se agrupam diferentes manifestações verbais, ora mais próximas às esferas do dia a dia – como a que permite a emergência de bate-papo – ora mais próximas de esferas institucionais – por exemplo, a que possibilita a emergência de artigo científico. As esferas refletem a pluralidade das atividades humanas – segundo Bakhtin (1997), em quem as autoras se fundamentam –, condicionando a relação do enunciado com os elos sócio-historicamente precedentes e influenciando a relação do enunciador com o(s) coenunciador(es) (LUIZ SOBRINHO & KOMESU, 2009).

Para Bakhtin (1997), um *gênero de discurso* é definido como conjunto de enunciados *relativamente* estáveis, caracterizados por determinada *construção composicional* e por determinados *conteúdo temático* e *estilo*. Ora, os enunciados – concretos – pertencentes a dado gênero apresentam regularidades em relação a aspectos de natureza textual e formal (*construção composicional*), em relação à natureza dos temas abordados no interior do gênero (*conteúdo temático*) e em relação a escolhas linguísticas específicas que permitem identificar a que gênero pertence determinado enunciado (*estilo*).

Conforme observamos anteriormente, o conteúdo temático dos enunciados das salas de bate-papo analisadas pouco varia. A constante repetição de dizeres já-ditos condiciona, dentre outros fatores, o uso da abreviação. A abreviação parece, pois, ser um dos processos que caracterizam fortemente o estilo das práticas letradas/escritas em bate-papos frequentados por jovens que têm como objetivo conhecer outros jovens no

ambiente virtual. E não apenas a abreviação gráfica, mas também a abreviação de distâncias (marcada na/pela linguagem, por meio da abreviação gráfica).

Em sua tese de doutoramento, Araújo (2006) observa semelhanças entre os bate-papos virtuais e a conversação face a face – gênero de esfera distinta da dos bate-papos, segundo o autor. Araújo reconhece que a variedade dos bate-papos eletrônicos da internet conserva “elementos imorredouros” dos gêneros orais que os geraram, pois tais gêneros parecem transmutar outros como as conversas cotidianas (coletivas ou duais), a aula, a entrevista etc. Araújo esclarece que o termo “transmutação” foi utilizado por Bakhtin para se referir aos processos de formação de gêneros. Esse fenômeno permitiria compreender o processo dinâmico de formação dos gêneros secundários, os quais se diferenciam dos primários por meio das esferas de comunicação a que pertencem.

Como se pode notar, Araújo ressalta a existência de traços semelhantes entre dois gêneros de esferas distintas: o bate-papo digital e a conversação face a face. O que pode ser questionado é a ideia de que os gêneros orais tenham gerado gêneros digitais, como o bate-papo. Talvez seja mais coerente pensar de maneira inversa, ou seja, que o bate-papo digital tenha incorporado características de gêneros orais/falados, simplesmente pelo fato de eles se constituírem em referência à ideia de “bater papo” ou “conversar”. É claro que a incorporação dessas características não se realizou de forma “intacta” – houve modificações, devido à própria especificidade do suporte e da relação estabelecida entre os interagentes por meio dele, e, a partir dessas modificações, esses traços passaram a ser constitutivos do ambiente para o qual serviram de referência, de forma tão intrínseca que, em alguns casos, torna-se difícil delimitar características claras e exclusivas de um gênero e de outro. Essa indistinção é característica da heterogeneidade radical à qual nos referimos na conceituação da língua(gem).

De nosso ponto de vista, o termo “marcas” do diálogo remanescentes nos bate-papos digitais parece pressupor que um ambiente homogêneo receberia “interferências” de elementos de outras naturezas (também homogêneas) os quais não fariam parte do ambiente analisado e por isso deixariam “marcas”.

Em detrimento da noção de “marcas”, propomos que seja adotada a noção de *ruínas*, conforme apresentada por Corrêa (2006). Assumimos, assim, a existência de *vestígios* de gêneros discursivos na composição dinâmica dos bate-papos digitais. É importante esclarecer que o termo “ruína” não é empregado por Corrêa em sua acepção negativa, ou seja, como sinônimo de “gêneros discursivos em estado de destruição”. Ao contrário, essas *ruínas* são, segundo o autor,

partes mais ou menos informes de gêneros discursivos, que, quando presentes em outro gênero, ganham o estatuto de fontes históricas – retrospectivas ou prospectivas – da constituição de uma fala ou de uma escrita. Quando consideradas como fragmentos de *enunciados genéricos*, elas podem ser vistas, também, como o resultado de uma “regeneração”, pensada esta última como o processo pelo qual os sinais de um conjunto de saberes (...) podem assumir o papel de elementos fundadores de novos saberes. (CORRÊA, 2006, p.209)

As relações intergenéricas constituem, portanto, os gêneros de discurso. Como são elementos constitutivos, não deixam “marcas” explícitas, bem determinadas. Cabe ao pesquisador buscar *vestígios*, *pistas* que possam indiciar a relação de permissividade entre os diferentes gêneros.

Essa é a perspectiva que buscamos assumir neste trabalho. Como ambiente, por natureza, heterogêneo, as salas de bate-papo abertas apresentam *ruínas* de outros gêneros discursivos, dentre eles, a conversação face a face – mas não somente. Essas *ruínas* devem ser consideradas fontes históricas, que nos permitem melhor compreender a história de formação e emergência de dado gênero, na atividade dos sujeitos.

Ao observar elementos que aproximam o bate-papo da conversação face a face, Araújo (2005) argumenta que a relação entre esses gêneros se dá, principalmente, pelas

diferentes semioses que o bate-papo digital articula, além da escrita. Som, imagem e escrita, segundo o autor, não competem entre si no interior do gênero em questão, mas coexistem, harmonicamente, na tela do computador, suporte do hipertexto.

Da perspectiva teórica que assumimos, talvez não seja possível afirmar a existência de relação harmônica entre os diferentes *modos semióticos* articulados nas salas de bate-papo. A propósito, consideramos *modos* como recursos materiais utilizados de maneiras reconhecidamente estáveis como meio de articulação de discursos (KRESS & van LEEUWEN, 2001).

Em salas de bate-papo abertas, observamos, sim, a articulação de discursos por meio de diferentes *modos*. Esses ambientes oferecem recursos sonoros e imagéticos (estáticos e em movimento), além do espaço dedicado ao modo de enunciação escrito. Nesse sentido, podemos dizer que os bate-papos digitais são ambientes *multimodais*. A multimodalidade consiste no uso de diversos *modos* semióticos em um dado evento semiótico (KRESS & van LEEUWEN, 2001).

Ressaltamos que, em sua tese de doutoramento, Araújo (2006) observa o fato de que reduzir a imagem e o som ao *status* de arte gráfica enfraquece a compreensão do ambiente digital sob investigação. Tais semioses não consistem apenas em instrumentos ornamentais, pelo contrário, são elementos de articulação de discursos. Concordamos com o autor, quando ele afirma que durante muito tempo a escrita reinou soberana quando se tratava de articular discursos. Com o surgimento da tecnologia digital, a eficácia dos demais *modos* (som, imagem, cor, distribuição de objetos etc.) na produção do sentido foi reconhecida, deixando de ser considerada apenas como questão estética, ornamental, acessória.

O que queremos destacar, neste ponto, é que nem todos os *modos* são capazes de articular, com a mesma eficácia, quaisquer discursos (KRESS & van LEEUWEN,

2001). A eleição de um em detrimento de outros é feita levando-se em consideração o *discurso que se quer articular, para quem, em que situação, em que momento histórico-social*; enfim, é preciso considerar diversos aspectos no que se refere ao contexto de veiculação dos enunciados.

Se se pensar a língua(gem) do ponto de vista dialógico, como assumido neste trabalho, torna-se fundamental refletir sobre lugar de interação em *conflito* – de *interesses*, de *saberes*, de *poderes* que permitem a emergência de determinados dizeres (e não de outros). Retomamos Fiorin (2006) que, em sua avaliação do conceito de dialogismo bakhtiniano, considera que a análise de texto não é descrição, mas análise “final e sutil” dos sentidos que são produzidos mediante confrontos, deslizamentos, apagamentos de significados (FIORIN, 2006, p.191-192). Desse modo, parece não haver convivência harmônica dos *modos semióticos* disponíveis em salas de bate-papo abertas. Pelo contrário, o que existe, pelo menos até o momento, é a predominância do *modo* escrito, em detrimento dos demais. Marcuschi (2005) detectou essa característica ao observar que um dos aspectos essenciais da mídia digital é a centralidade da escrita, pois essa tecnologia depende fortemente desse modo. Essa observação nos leva a concluir que, em salas de bate-papo abertas, a escrita foi o *modo* eleito como o mais eficaz na articulação dos discursos ali produzidos. O que não significa que o uso do som e da imagem não ocorra nem seja importante na constituição desse ambiente: ele apenas não é – voltamos a dizer, até o momento – o privilegiado por internautas.

Mas um ambiente caracterizado e reconhecido por suas especificidades não poderia ser pensado de modo alheio às condições de sua produção. Emerge, então, uma prática de letramento/escrita que aparentemente desconsidera regras ortográficas e gramaticais previstas por gramáticas prescritivas. Percebemos a emergência de uma prática de letramento/escrita condicionada pelo suporte digital, pela relação estabelecida

entre os participantes do bate-papo, por meio desse suporte, e por dispositivos sócio-históricos que caracterizam esse ambiente. Não é escrita nova, nem idioma novo, se a concepção de novidade estiver fundada no ineditismo. É prática de escrita condicionada fortemente pelo outro e pelo tipo de relação entre os escreventes num dado ambiente, em uma sociedade e num tempo histórico em que os sujeitos são estimulados à comunicação, na tentativa de aproximação com o outro.

2.5. A relação entre os escreventes e a escrita digital

Para melhor refletir sobre a situação de comunicação e de emergência das práticas de escrita dos bate-papos virtuais, recorreremos, principalmente, aos estudos de Cortella (2009), no domínio da Filosofia e da Educação, e de Bauman (2004), no campo da Sociologia.

Cortella (2009) discute as ambições de uma sociedade que “naufraga” na internet. Segundo o autor, há pouco tempo o pedantismo consumista se materializava na posse de bens diferenciais: *se o um tem isto e o outro, não, então o um é melhor do que o outro*. Agora, a superioridade dos que tudo têm se expressa, não na posse de dado objeto, mas na simulação de que aquele objeto lhe é familiar. Atualmente, “(...) surpreender-se com a invenção de algo (‘Você ainda não conhece?’) seria indício de desatualização informativa; já a rejeição do uso (‘Você ainda não utiliza?’) sinalizaria arcaísmo mental e uma senil pré-modernidade” (CORTELLA, 2009, p.16).

Cortella (2009) sinaliza, ainda, que talvez não seja exagero pensar que a sociedade atual é marcada pela tacocracia. A tacocracia consiste na exigência de velocidade em todas as áreas, exigência essa que chega a se converter em parâmetro

para aferir se alguma situação é ou não de utilidade para determinado indivíduo ou grupo.

Dois aspectos importantes podem ser ressaltados das reflexões de Cortella. O primeiro deles refere-se à simulação de conhecimento de dada situação. Na internet, observamos, de modo geral, propagação de comentários preconceituosos a respeito da atividade de escrita, em particular, aquela reconhecida como “internetês”. Esses comentários, divulgados por meios de comunicação e, por vezes, amparados por certa prática na instituição escolar, são, em geral, produto da falta de conhecimento, ou melhor, da simulação do entendimento a respeito do tema. Outro aspecto importante ao qual Cortella se refere é a exigência/imposição de velocidade, principalmente, em salas de bate-papo como as visitadas para a realização desta pesquisa. Em bate-papos digitais, é preciso ser veloz. A quantidade de internautas que se conectam a e se desconectam de ambientes digitais é grande.

Bauman (2004) alerta que o cidadão da *líquida sociedade moderna* não tem ligações indissolúveis e definitivas (a “liquidez” expressa, no sentido atribuído pelo sociólogo polonês, a fragilidade e a solubilidade dos atuais laços humanos). Desligados, sentem necessidade constante de se conectar. Entretanto, nenhuma das conexões que possam ocupar a lacuna deixada pelos vínculos ausentes tem garantia de permanência. De qualquer forma, os sujeitos da modernidade líquida só precisam ser “frouxamente atados”, para que os laços possam ser desfeitos sem grandes delongas, quando da mudança de cenários (BAUMAN, 2004, p.7).

Bauman (2004) observa, ainda, que, cada vez mais, as pessoas falam em “conectar-se” em vez de “relacionar-se”. Preferem falar em “redes”, não mais em parceiros, pois, diferentemente de “relações”, “parentescos” e “parcerias” – que exigem engajamento mútuo – uma rede serve de matriz tanto para “conectar” quanto para

“desconectar” (é o que ocorre, por exemplo, em salas de bate-papo abertas). Diferentemente dos “relacionamentos reais”, é fácil entrar e sair de “relacionamentos virtuais”. Já que os compromissos tornam-se irrelevantes, as pessoas tendem a substituir as parcerias pelas redes. Estabelecer-se fica, então, mais difícil do que antes, visto que se perde em qualidade para se ganhar em velocidade (BAUMAN, 2004).

A realidade virtual¹⁰ tem causado verdadeira transformação nas concepções de tempo e espaço, nas relações entre as pessoas e as coisas. Além da busca constante pela velocidade, Galli (2008) aponta também para a (des)territorialização como característica da pós-modernidade. Esse processo consiste na separação do espaço físico e do temporal, em que a não presença provoca no sujeito fluidez constante, “algo que o habita e o move diante daquilo que não se faz presente, mas que está ali como uma ausência-presença, como a virtualização do corpo” (GALLI, 2008, p.33). A autora esclarece que essa ausência-presença, o estar aqui e lá ao mesmo tempo, é característica do sistema de realidade virtual, semelhante a uma comunicação por telefone, em que há “separação” entre voz e corpo.

Essa “separação” entre a presença física e a presença virtual, como mencionamos, condiciona a emergência de abreviaturas na internet. A busca por plasmar o “outro” no espaço compartilhado – o digital – decorre da separação física dos enunciadores, os quais se comunicam em tempo real, mas não dividem o mesmo espaço.

¹⁰ Segundo Galli (2008), a concepção de virtual não é nova, como muitos podem pensar, uma vez que já vem sendo tratada, há algum tempo, em áreas como a matemática, a filosofia e a comunicação. A pesquisadora apresenta diferentes pontos de vista no que se refere à noção de virtual e, baseada principalmente em Deleuze (1968 *apud* GALLI, 2008, p.48), esclarece que o virtual não se opõe ao real, uma vez que também possui plena realidade. O processo que caracteriza o virtual é a atualização de discursos já-ditos que, enquanto memória, são reconstruídos em outra instância discursiva. Em outras palavras, para Galli, o virtual consiste em lugar de subjetivação, de produção de discursividades outras, que envolvem a repetição “tanto no que se atualiza quanto na atualização” (DELEUZE, 1968 *apud* GALLI, 2008, p. 48). A referência do texto citado por Galli é a seguinte: DELEUZE, G. (1968) *Diferença e repetição*. Trad. Luiz Orlandi, Roberto Machado. 2 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

Galli (2008) ressalta, ainda, em relação à maneira como os espaços são projetados atualmente, que parece ser viável tratar do surgimento de “novos” modos de (con)viver no mundo, uma vez que a internet e o processo de globalização têm feito do sujeito um consumidor do espaço, do(s) não-lugar(es), como diria Augé, na citação de Galli (2008). Para a autora, a comunicação via internet acarreta, pois, a supressão do espaço e a redução do tempo ou, ao contrário, pode produzir a ampliação tanto do tempo quanto do espaço. As distâncias não são mais fixas, são “nômades” e chegam a ser erradicadas em alguns casos, principalmente, por meio da internet. É nesse contexto que surgem as abreviaturas. Se é necessário ser veloz para relacionar-se com o “outro” na internet, é preciso abreviar. As reduções gráficas consistem em importantes indícios de como se dão os relacionamentos em rede. Mais do que mero “corte” de palavras, abreviar é aproximar o interlocutor do bate-papo, separado de seu parceiro – e, simultaneamente, vinculado a ele – pela tela do computador.

3.

DESCRIÇÃO DO MATERIAL

(...) Conforme a gente recebesse formatos da natureza, as palavras incorporavam as formas da natureza. Em algumas palavras encontramos subterrâncias de caramujos e de pedras. Logo as palavras se apropriavam daqueles fósseis linguísticos. Se a brisa da manhã despertasse em nós o amanhecer, as palavras amanheciam. Podia se dizer que a gente estivesse pregado na vida das palavras ao modo que uma lesma estivesse pregada na existência de uma pedra. (...) (BARROS, 2010, p. 171)

3.1. Apresentação do material

As práticas discursivas mais atraentes na internet, de acordo com Araújo e Biasi-Rodrigues (2005), talvez sejam aquelas que acontecem em tempo real, cuja natureza conversacional é síncrona e assemelha-se a uma conversação face a face. Assim são os bate-papos digitais.

O material analisado neste trabalho foi coletado em salas de bate-papo abertas, no mês de janeiro do ano de 2009. Esse mês foi o eleito para a coleta por ser o período de férias escolares de grande parte dos jovens brasileiros que se enquadram na faixa etária de 15 a 20 anos. Em termos técnicos, essas salas de bate-papo consistem em páginas da *web*¹¹ que podem ser acessadas por quaisquer pessoas que tenham acesso à rede mundial de computadores. O bate-papo em aberto é opção oferecida por diversos provedores de internet, gratuitamente – embora o acesso gratuito seja restrito, em alguns casos, a uma quantidade limitada de escreventes. Assim, para ingressar nesse tipo de

¹¹ Consideramos, neste trabalho, a distinção entre *internet* e *web*, apresentada por Araújo e Biasi-Rodrigues (2005). De acordo com esses autores, a internet consiste na soma de redes espalhadas pelo mundo, das quais uma é a *web* – a que mais cresce no mundo e a responsável pela popularização da internet.

bate-papo, basta acessar, na página de um provedor de internet, a opção “bate-papo” ou *chat* (o equivalente, em inglês).

Para a realização deste estudo, optamos pelas salas de bate-papo do provedor UOL (*Universo On-Line*), um dos mais acessados do Brasil. O material em análise é formado por duas “conversas” virtuais, com duração de 60 (sessenta) minutos cada uma, as quais foram “copiadas” e “coladas” em documento WORD, a fim de que a preservação física dos dados fosse assegurada, o que totalizou cerca de 90 (noventa) páginas.¹²

Nesse sentido, o material de que dispomos refere-se ao resultado da atividade de escrita de internautas que se dizem entre “15 e 20 anos”. O interesse pela produção textual desses internautas se justifica devido à crescente preocupação de integrantes de diversas instituições sociais, dentre elas, a escola, a família, a mídia, que veem, na atividade verbal desse grupo, o “assassinato” da Língua Portuguesa, tanto na internet quanto fora dela, na produção escrita tradicional.

Depois de apresentados, de maneira geral, os critérios para a realização da coleta, tratamos, na próxima Seção, da definição de *bate-papo*, bem como do funcionamento técnico-discursivo das interações que ali se desenvolvem.

3.2. As salas de bate-papo abertas

Marcuschi (2005) define *chat* em aberto como espaço onde inúmeras pessoas interagem simultaneamente em relação síncrona. O pesquisador observa, ainda, a existência de outros tipos de *chats*. O *chat* reservado, por exemplo, é variante dos *chats* em aberto, mas com as “falas” pessoais acessíveis apenas aos dois leitores mutuamente

¹² As páginas nas quais os dados foram “copiados” e “colados” têm tamanho A4 e estão configuradas com margens inferior e superior de 3,0 cm e margens laterais de 2,5cm.

selecionados. Sobre o *chat* agendado, o autor esclarece que se constitui em variante dos *chats* reservados, mas com a característica de a “conversa” ter sido agendada e oferecer a possibilidade de mais recursos tecnológicos na recepção e envio de arquivos. Em relação ao *chat* privado, o autor o define como bate-papos em salas privadas com apenas os dois parceiros do diálogo presentes.¹³

Para Araújo (2006), o *chat* aberto é ambiente voltado a interações coletivas, onde todos falam para todos com a finalidade de conquistar parceiros. É gênero marcado por grande quantidade de “entradas” e “saídas” de escreventes, as quais sempre são informadas na página eletrônica central do *chat*. Esse espaço digital, de acordo com o pesquisador, pode ser comparado a uma grande praça, para a qual seus escreventes vão todos em busca de conhecer novas pessoas. Ao cumprir esse propósito, os escreventes tendem a passar para o *chat* reservado ou, então, para a interação via MSN.¹⁴ Nesse sentido, os escreventes parecem fazer uso de *chats* abertos em busca de conquistar parceiros para outros gêneros de bate-papo que permitam uma “conversa” mais “tranquila” (ARAÚJO, 2006, p.143).

De fato, percebemos que as salas de bate-papo abertas são ambientes utilizados para a “coleta” de contatos. De maneira geral, os escreventes que ali ingressam tendem a, primeiramente, escolher parceiros, tomando como base, principalmente, a empatia decorrente da análise dos *nicknames* (apelidos) de cada escrevente. A partir daí, trocam endereços eletrônicos e continuam – ou não – a interação em outros programas, como o

¹³ Para mais esclarecimentos, cf. Marcuschi (2005).

¹⁴ O MSN (*Windows Live Messenger*) é um tipo de *chat* que exige a instalação de *software* específico, o qual pode ser obtido gratuitamente por meio da internet. Depois de instalado no computador, permite que o usuário crie uma lista de contatos, ao adicionar o endereço eletrônico de pessoas que ele conhece ou deseja conhecer, e, posteriormente, trocar mensagens escritas / faladas / filmadas com esses contatos – não necessariamente em tempo real.

Orkut¹⁵ e o MSN. Esse intuito de “arrastar” seguidores para outros dispositivos de comunicação é mostrado em diversas mensagens, como as transcritas abaixo:¹⁶

(06:02:47) **lindinha-gata** fala para **Todos:** pesso q todos me add no MSN
~~XXXXXX~~@hotmail.com

(06:02:56) **Tiago** fala para **Todos:** alguma gatinha quer tc pelo MSN?

(06:04:19) **tialinha** fala para **Adriano:** meu msn é ~~XXXXXX~~@hotmail.com

(06:11:18) **dazinha** fala para **escorpiao h:** vc tem orkut

As salas de bate-papo podem ser consideradas (novos) gêneros em emergência, tipicamente *hipertextuais*. O *hipertexto* é “uma forma híbrida, dinâmica e flexível de linguagem que dialoga com outras interfaces semióticas, adiciona e condiciona à sua superfície formas outras de textualidade” (XAVIER, 2005, p.171). Possibilita a organização das informações em uma base de dados a partir da qual se pode realizar leitura necessariamente não-linear e consiste no modo próprio para a enunciação no domínio discursivo digital (cf. XAVIER, 2002).

Nesse sentido, consideramos que a expressão “bate-papo digital” – ou, simplesmente, “bate-papo” – utilizada, neste trabalho, em detrimento da expressão *chat*, em inglês, traz, implicitamente, a noção de hipertextualidade como propriedade constitutiva desses ambientes. Ora, se à noção de hipertextualidade apresentada subjaz a existência, em dado ambiente, de diferentes semioses, podemos afirmar, conseqüentemente, que as salas de bate-papo são, por definição, ambientes *multimodais*, já que discursos podem se articular, nesse ambiente, por meio de diferentes *modos* semióticos (KRESS & van LEEUWEN, 2001). Escrita e demais elementos imagéticos e sonoros podem se articular na composição dos enunciados digitais.

¹⁵ O Orkut é uma rede social, filiada ao *Google*, por meio da qual é possível publicar fotos, participar de comunidades, enviar e receber mensagens de texto etc.

¹⁶ Os endereços eletrônicos dos escreventes foram suprimidos, com a finalidade de preservar identidade dos escreventes.

3.3. Acesso à sala de bate-papo e recursos disponíveis

Apresentamos, a seguir, o procedimento de acesso às salas de bate-papo abertas. Passamos a detalhar, também, os recursos disponíveis nesse espaço de enunciação e as consequências das especificidades desse espaço para a escrita que nele emerge.

Ao acessar a página do provedor de internet (para este trabalho, o provedor selecionado foi o UOL), o escrevente encontra, à esquerda, uma lista dos serviços oferecidos, dentre os quais pode selecionar a opção “bate-papo”, como mostra a ilustração a seguir:



Figura 01. Representação da página principal do provedor de internet UOL, o qual oferece, à esquerda (conforme indica a seta em vermelho), dentre outros serviços, a opção “bate-papo”.

Ao selecionar com um clique a opção “bate-papo”, o internauta tem acesso à página onde as salas disponíveis são organizadas. No provedor selecionado, essa organização é feita de acordo com categorias: “cidades”, “idades” e “temas”. Essas são as salas disponibilizadas para acesso gratuito. Por outro lado, os assinantes do provedor dispõem de salas de bate-papo destinadas exclusivamente a pagantes, além das salas que se enquadram nas categorias apresentadas.

A escolha da sala de bate-papo a qual se quer ter acesso não é realizada de maneira aleatória. Ao analisar as opções dadas pelo provedor, o escrevente leva em consideração interesses pessoais e intenções comunicativas relacionadas à atividade verbal em questão. Por exemplo, se o escrevente quer entrar em contato com pessoas que habitam a mesma região na qual ele se encontra, possivelmente, deve optar por bate-papo em salas separadas por “cidades e regiões”; mas se ele procura alguém com a mesma idade, ou, ainda, com idade superior ou inferior à dele, deve acessar as salas separadas “por idade”.

Dentre os tipos de salas oferecidos pelo provedor, optamos por acessar aquelas que se enquadram na categoria “idades”. Depois de selecionar a opção, o provedor organiza os grupos disponíveis no interior daquela categoria: “15 a 20 anos”, “20 a 30 anos”, “30 a 40 anos”, “40 a 50 anos” e “mais de 50 anos”. Essa distinção de acordo com faixas etárias visa à formação de grupos distintos, constituídos por escreventes que supostamente têm idades semelhantes e interesses afins.



Figura 02. Indicação das salas de bate-papo eleitas para a coleta do material.

Depois de realizada a escolha da sala, o escrevente tem acesso às diversas “salas” da categoria selecionada, nas quais pode “conversar” com outros escreventes. A imagem a seguir demonstra como o provedor organiza essa diversidade de salas. É possível notar que, para a faixa etária selecionada, o escrevente dispõe de três opções, na parte central da página, em forma de “abas”: “15 a 20 anos – A”, “15 a 20 anos – B” e “15 a 20 anos por estados”. A divisão “por estados” não se mostrou relevante para esta pesquisa, uma vez que não é nosso objetivo contrastar como se apresentam, em ambiente digital, as práticas de letramento/escrita por variedades regionais. Optamos, assim, pela sala 10 de “15 a 20 anos – A”. A sala 10 foi eleita para a coleta porque não apresentava, naquele momento, o número máximo de não-assinantes (no caso do provedor acessado, esse número é de 30).

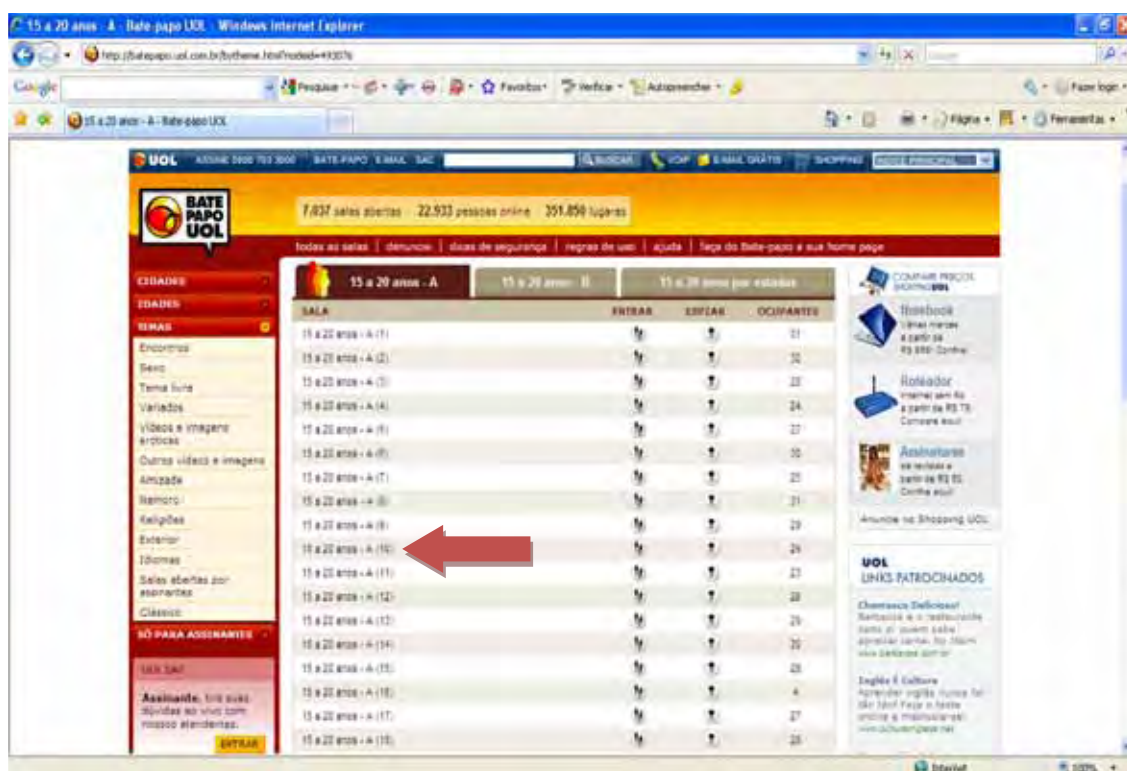


Figura 03. Representação da maneira como o provedor organiza a diversidade de salas disponíveis no interior da categoria “idades”.

Ainda na página de escolha da sala, o escrevente pode optar por “entrar” ou “espiar”, bem como visualizar a quantidade de “ocupantes” de cada uma dessas salas.

No caso do bate-papo analisado, como foi mencionado, o número de não-assinantes em cada sala é limitado. A capacidade total das salas visitadas é de 50 (cinquenta) interagentes, dentre os quais 30 (trinta) têm direito a acesso gratuito – os demais, para ingressar na sala, devem ser assinantes do provedor. A opção “espiar” permite observar, durante alguns segundos, as interações na sala escolhida, sem que necessite “entrar” nesse ambiente como participante efetivo. Neste caso, o internauta não participa das interações de maneira alguma: não recebe nem envia mensagens, apenas observa as interações dos presentes na sala escolhida. Para poder enviar e receber mensagens, é necessário “entrar” na sala selecionada. Ao selecionar a opção “entrar”, é direcionado para a página que contém a “tela de acesso”, na qual precisa se identificar por meio de apelido (ou *nickname*).



Figura 04. Representação da “tela de acesso”, na qual o internauta necessita se identificar por meio de apelido, no espaço indicado pela seta.

A escolha de apelido é importante, pois contribui para a preservação da identidade, garantindo anonimato, além de sugerir características físicas e/ou pessoais,

produzindo identificação ou rejeição por parte dos demais escreventes do bate-papo. Nesse sentido, o escrevente cria seu apelido – e também escolhe uma cor que o caracterizará – de acordo com intenções pessoais e comunicativas, sendo essa escolha de nome e cor indícios do tipo de papel que desempenhará na comunidade virtual selecionada. É o que fica claro no exemplo abaixo:

(04:30:09) **gatinho_sem_gata** fala para AnNy: me add ai gatinha

Observa-se que o apelido escolhido pelo escrevente **gatinho_sem_gata** contribui para que os demais escreventes construam hipóteses acerca de um *querer dizer* do escrevente em questão. Por meio do apelido, pode-se pensar que o escrevente, supostamente: i) é do sexo masculino; ii) é solteiro; iii) se considera bonito (“gatinho”); iv) deseja “conversar” com alguém do sexo feminino, que também se considere bonita (“gata”) e que, preferencialmente, procure um parceiro; v) por escolher a cor verde para o apelido, é a favor da preservação do meio-ambiente, por exemplo, ou é alguém esperançoso em encontrar uma companheira.

Se, por meio do apelido exposto, é possível prever o papel que será desempenhado por determinado escrevente durante o bate-papo virtual, pode-se afirmar que esse apelido indicia, também, o *conteúdo temático* dos enunciados a serem produzidos na atividade. Ora, no caso do escrevente **gatinho_sem_gata** podemos supor que o conteúdo temático de seus enunciados estará relacionado ao desejo de encontrar, de conhecer alguém do sexo feminino que queira “conversar” sobre a possibilidade de relacionamento, mesmo que esse se restrinja ao ambiente – e tempo – digital. Os escreventes, portanto, constroem as primeiras projeções de imagens acerca do outro (ou dos outros) ao entrar em contato com o apelido apresentado, sendo essas projeções condicionantes da escolha de possíveis leitores.

Depois de preencher as informações solicitadas na “tela de acesso” e de ter selecionado com um clique o botão “entrar”, o internauta passa à condição de escrevente efetivo do *chat*. Cada escrevente que ingressa na sala virtual ou que dela sai tem sua entrada/saída anunciada automaticamente pelo sistema, por meio de mensagem escrita que aparece na parte central da página (por exemplo, *ana entra na sala* ou *ana sai da sala*). É nessa parte central da página que são expostos os enunciados das “conversas” entabuladas na sala. A imagem abaixo representa o espaço atribuído aos enunciados produzidos nesse ambiente.

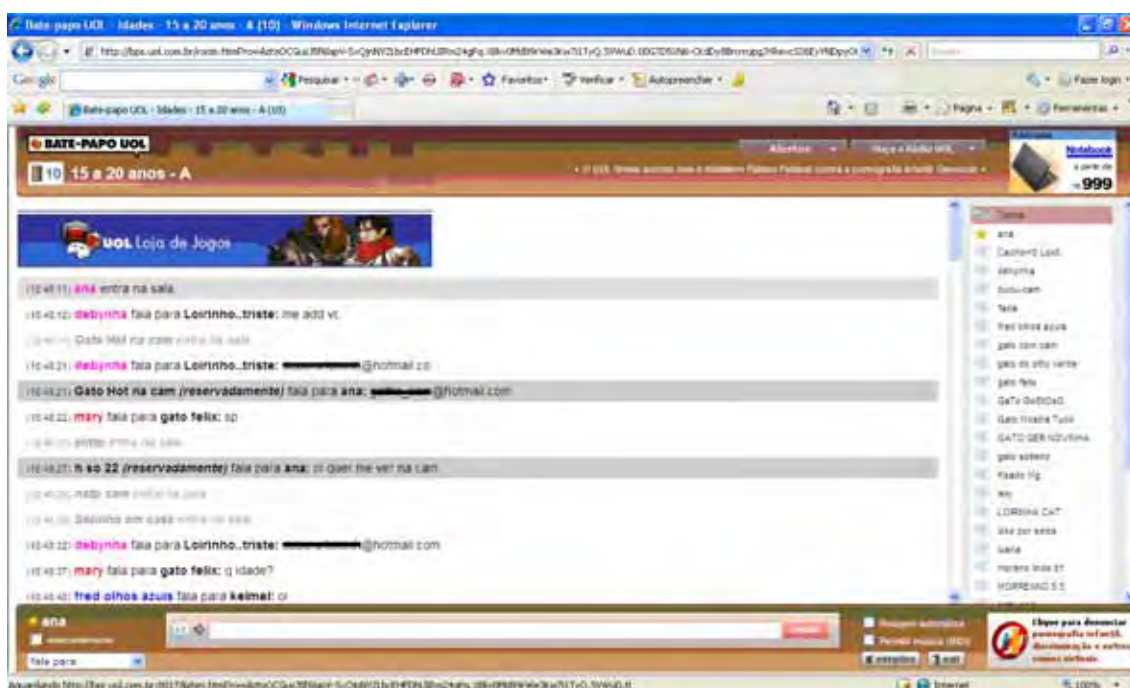


Figura 05. Imagem representativa do interior de uma sala de bate-papo virtual. A parte central da tela destina-se à exibição dos enunciados produzidos nesse ambiente.

À direita da página, como pode ser observado na Figura 05, aparecem listados os apelidos dos escreventes da sala de bate-papo selecionada. Logo que um novo escrevente entra na sala, automaticamente, seu apelido aparece visível aos demais na lista da direita. Quando um escrevente sai da sala, seu apelido é imediatamente excluído da lista pelo sistema.

Depois de entrar na sala de bate-papo, os escreventes selecionam os apelidos daqueles com quem querem interagir ou, ainda, podem selecionar a opção “Todos”, quando a mensagem é irrestrita. O espaço destinado à produção textual escrita da mensagem localiza-se na parte inferior da tela, seguido pelo botão “enviar”. Os enunciados elaborados só são disponibilizados para a leitura, na parte central da página, depois que o escrevente digitá-los e acionar o botão “enviar”.







O fato de não ser possível que o escrevente eleja mais de um leitor *de maneira simultânea* para a interação digital poderia contribuir para o entabulamento de longas “conversas” com um específico; no entanto, não é o que ocorre. Ao contrário do que se poderia pensar, essa “limitação” imposta pelo suporte não impede que os escreventes se comuniquem com quantos queiram – basta que selecionem, rapidamente, um leitor por vez.

Como a quantidade de escreventes que entram e saem de salas de bate-papo é relativamente grande, é comum que eles sintam-se inseguros, já que seu(s) leitor(es) pode(m) sair da sala a qualquer momento. Esse é um dos fatores que contribui para a emergência da abreviação gráfica, muito comum na internet. Para aumentar a rede de relacionamentos, os escreventes necessitam economizar tempo, garantindo, assim, o sucesso da interação, isto é, a *participação do outro no diálogo*. A solução é, então, *abreviar(-se)*.

A abreviação de vocábulos contribui para que a digitação seja agilizada, o que contribui, por sua vez, para a manutenção do(s) outro(s) na interação. Como já foi dito, para ampliar a rede de relacionamentos, o escrevente precisa interagir com muitos, em tempo mínimo. O resultado, além da abreviação gráfica, é a curta duração temporal das “conversas” na internet. “Conversa-se” com muitos, em pouco tempo e sobre assuntos determinados (por exemplo, sobre dados pessoais dos escreventes – prenome, idade,

local de onde “fala” – tipo físico, interesses pessoais). Afinal, os temas da “conversa” também precisam ser abreviados, em virtude da possibilidade quase que infinta de interações. Essa é a principal característica dos relacionamentos digitais: a volatilidade. Mas, apesar de efêmeros e passageiros, os relacionamentos em rede são íntimos, marcados pela informalidade e tentativa de proximidade. Como os escreventes do diálogo comunicam-se em tempo real, mas se encontram afastados espacialmente, é necessário promover ambiente de proximidade. Assim caracteriza-se o funcionamento da abreviação gráfica.

Ao lado do espaço reservado para a produção escrita dos enunciados encontra-se o botão “enviar”. O escrevente necessita, pois, ativar com um clique esse botão para que o leitor possa visualizar o enunciado escrito. Sendo assim, existe um intervalo de tempo entre a elaboração do enunciado e a visualização dele por parte do leitor. Nesse intervalo, o escrevente pode operar mudanças no enunciado antes de enviá-lo. Tendo em vista essa possibilidade, não é possível afirmar que a escrita na internet é espontânea como a fala em contextos mais informais, supondo que esse seja um de seus traços. Somente com a observação dessa característica já se torna possível questionar a afirmação de que, em salas de bate-papo, encontramos uma “fala escrita” – afirmação frequentemente apregoada no senso comum.

Ainda na parte inferior da página, à esquerda do espaço destinado à elaboração dos enunciados escritos, o escrevente pode enviar imagens (agrupadas no ícone ) e sons (representados pelo ícone ) ao seu leitor. As imagens disponíveis consistem nos chamados *emoticons* – figuras representativas da emoção humana que visam à reprodução de contexto oral/falado, como o da conversa face a face (KOMESU, 2002). Também conhecidos como “carinhas”, os *emoticons* representam diferentes tipos de reações, como as de alegria () , decepção () , sono/tédio () , espanto () etc.

Os tipos de sons disponíveis para envio também são variados. A maioria deles é sugerida por meio de onomatopeia, como a de beijo (*Smack!*), a de assovio (*Fiu-Fiu!*), a de tiro (*Bang!*), dentre outras.

Até aqui, apresentamos os principais recursos de que dispõem os escreventes que frequentam salas de bate-papo digitais. Esses recursos promovem, como mencionamos, transformações linguísticas, as quais são condicionadas não apenas pelos dispositivos ali encontrados, mas, também, pelo tipo de relação estabelecida entre os enunciadores que se utilizam dessa tecnologia de comunicação.

Marcuschi (2005) destaca, como aspectos característicos da atividade de escrita do gênero *chat*: i) enunciados escritos em formato de diálogo, cujos turnos não se apresentam, necessariamente, numa sequência encadeada; ii) interação síncrona (em tempo real) e iii) contribuições, em geral, curtas (MARCUSCHI, 2005).

Devido à detecção dessas características e à observação de sua constância, o autor considerou que as salas de bate-papo virtual constituem *gênero de discurso* em surgimento. Seguindo a perspectiva bakhtiniana, Marcuschi (2005) defende que o gênero deve ser tomado como texto, situado histórica e socialmente, culturalmente sensível, recorrente, “relativamente estável” do ponto de vista estilístico, composicional e temático. Os gêneros digitais surgem em ambientes maiores, heterogêneos em formato e maneiras de operação e participação nos processos de interação. Nesse sentido, seria possível considerar os seguintes gêneros emergentes nesses ambientes, segundo Marcuschi (2005): o *chat* em aberto, o *chat* reservado, o *chat* agendado e o *chat* privado, caracterizados no início desta Seção.

Como no interior de dado gênero a atividade de escrita em análise apresenta características específicas, tanto textual e formal, quanto estilística e tematicamente,

surge, nos bate-papos, uma escrita (multimodal) que aparentemente descumpra as regras previstas por gramáticas prescritivas da língua portuguesa.

Crystal (2005) chama a atenção para o fato de que a aparente falta de respeito pelas regras tradicionais da modalidade escrita tem amedrontado observadores, que veem nessa prática de escrita sinal de deterioração dos padrões.

A nosso ver, essas críticas em relação à escrita (multimodal) na internet existem porque esses observadores não levam em consideração a especificidade do contexto digital, o qual condiciona fortemente a emergência desse tipo de escrita (multimodal) em detrimento de outros. O que queremos dizer é que os dispositivos técnico-discursivos apresentados nesta Seção, a relação estabelecida entre os enunciadores por meio da internet (marcada pela tentativa de proximidade), os enunciadores (jovens em determinada faixa etária), seus propósitos comunicativos (conhecer o outro), a sociedade em que se inserem (caracterizada pela volatilidade das relações sociais), todos esses fatores que atuam simultaneamente é que possibilitam o surgimento dessa escrita típica do contexto digital.

4.

METODOLOGIA

(...) Quero falar primeiro dos andarilhos, do uso em primeiro lugar que eles faziam da ignorância. Sempre eles sabiam tudo sobre o nada. E ainda multiplicavam o nada por zero – o que lhes dava uma linguagem de chão. Para nunca saber onde chegavam. E para chegar sempre de surpresa. Eles não afundavam estradas, mas inventavam caminhos. (BARROS, 2010, p.147)

4.1. Constituição do *corpus*

Antes de dar início à análise, propriamente dita, das abreviaturas coletadas de bate-papos digitais, é necessário explicitar a maneira como o *corpus* deste trabalho foi constituído.

Em um primeiro momento, fez-se necessária a realização de recorte das abreviaturas que seriam, de fato, analisadas. Dada a grande quantidade de abreviaturas encontradas no material e sua diversidade, foi preciso estabelecer diretrizes, levando-se em conta os objetivos deste trabalho e a ferramenta de análise utilizada.

O primeiro passo foi definir o que seria entendido por *abreviação*. Ainda que a abreviação seja recurso linguístico aceito e legitimado por gramáticas da língua, ainda é pouco estudada. De modo geral, percebemos que, na literatura gramatical, é comum que os termos *abreviação/abreviatura* sejam tomados como sinônimos. Ambos os termos fazem referência a um produto acabado, cristalizado e convencionado pela tradição gramatical. Nesse sentido, para a maior parte das gramáticas da língua, a abreviação não consiste em *processo*, mas em *produto*, praticamente desprovido de regras que norteiem a formação das abreviaturas de modo geral.

Camara Jr. (1977) avalia a abreviação como “recurso convencional da língua escrita, que consiste em reduzir, na grafia do vocábulo, o número de letras que o compõem (...)” (CAMARA JR., 1977, p.37). Nessa definição, Camara Jr. não considera a possibilidade de abreviação no modo de enunciação falado. Existem, no entanto, abreviaturas típicas de práticas orais/faladas, grande parte das quais não é legitimada pelas gramáticas e manuais da língua, sendo, na maioria das vezes, classificadas como *gírias*, sem que se faça menção ao processo de “abreviação” (por exemplo, *menina > mina*). Muitas dessas abreviaturas, provavelmente provenientes de práticas orais/faladas produzidas em contextos mais informais, são representadas, por escrito, em bate-papos digitais. Nesse sentido, a definição proposta por Camara Jr. acaba sendo pouco abrangente e eficaz, levando-se em conta a natureza do material deste trabalho.

De forma geral, parece haver certa concordância entre alguns autores no que se refere ao conceito de *abreviação*. De uma perspectiva gramatical, Sacconi (1990) argumenta que *abreviação* é a redução de palavras até o limite máximo permitido pela compreensão, enquanto Luft (1987) define *abreviatura* como escrita reduzida de palavra ou locução.

Como mencionado, nas definições apresentadas, há relativa confusão terminológica entre *abreviação* e *abreviatura*. Neste trabalho, no entanto, esses termos não são tratados como sinônimos. Seguiremos a distinção terminológica proposta por Dubois *et alii* (1978), os quais defendem que, em português, distingue-se *abreviação* de *abreviatura*, uma vez que aquela consiste no processo, e esta, no produto ou resultado. Não se pode dizer, então, que *p.* é abreviação, mas, sim, abreviatura de *página* (DUBOIS, J. *et alii*, 1978, p. 13).

Poucos são, ainda, como já mencionamos, os estudos acerca da abreviação na internet, de maneira específica. A maioria dos estudos relacionados à prática de escrita

na internet (ARAÚJO, 2005, 2006; MARCUSCHI, 2005; BRAGA, 1999) apenas mencionam o referido processo, classificando-o, em geral, como fenômeno idiossincrático, no qual se observam escolhas particulares, individuais dos sujeitos.

Silva (2006, 2009) estuda a abreviação em *chats* de Portugal por meio da observação da organização silábica das abreviaturas. Para a pesquisadora, as abreviaturas digitais são “desvios” em relação à norma, realizados de modo intencional, e que funcionam como forma de integração dos jovens a uma nova comunidade – a comunidade virtual (SILVA, 2009). Nesse sentido, para Silva, essa forma de escrita funciona como reforço dos laços entre os membros da geração mais nova (adolescentes e jovens). Aqueles que, segundo Silva (2009), não estão habituados a se comunicar por meio de computador e que, por esse motivo, demoram para responder, seriam vítimas de uma forma de exclusão – a “infoexclusão” (NOGUEIRA, 2003¹⁷ *apud* SILVA, 2009).

Ao contrário de Silva (2006, 2009), acreditamos não ser possível afirmar categoricamente que as abreviaturas na internet são “desvios” em relação à norma, visto que não existem regras prescritas por gramáticas que normatizem e regularizem o processo de formação de abreviaturas, levando-se em conta a diversidade estrutural dos vocábulos em geral. O que gramáticas trazem, de modo geral, são listas de palavras abreviadas, das quais muitas podem nem ser utilizadas no contexto do bate-papo digital.

Propomos, pois, que a abreviação deixe de ser vista como produto cristalizado e passe a ser concebida como processo regido por regras linguísticas. Esse processo pode ocorrer tanto no modo de enunciação oral/falado quanto no modo de enunciação letrado/escrito. O princípio que o rege é o da redução, no caso da escrita, no número de grafemas que compõe a grafia convencional de dado vocábulo. No caso da

¹⁷ NOGUEIRA, L. O mundo como base de dados. In: CORREIA, J; FIDALGO, A.; SERRA, P. (Orgs.) *Mundo Online da Vida e Cidadania*. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2003. p. 207-216.

oralidade/fala, a redução recai, principalmente, na quantidade de sílabas que constituem determinada palavra.

A formação de abreviaturas digitais pode ser associada aos processos morfológicos não-concatenativos – processos que contribuem para a ampliação do vocabulário da língua ou para a expressão de carga emocional variada (GONÇALVES, 2004). Segundo Gonçalves (2004), os processos não-concatenativos – como a criação de hipocorísticos (Francisco > Chico) e o truncamento (delegado > delega) – são comumente vistos como “os mal comportados” na formação de palavras, em razão de que sua constituição morfológica requer acesso a informações prosódicas (GONÇALVES, 2004). Ambos, a abreviação digital e os processos morfológicos não-concatenativos, são tomados, muitas vezes, como caóticos e assistemáticos. Ambos, também, podem ser concebidos como recursos morfológicos de natureza expressiva, por meio dos quais os sujeitos imprimem sua marca ao enunciado, considerando a relação que estabelecem com o outro em determinada atividade verbal.

Concebemos, então, a existência de “regras de boa formação” das abreviaturas na internet, fato que aponta para a sistematicidade do processo. Nesse sentido, a abreviação na internet não parece ser conjunto de manifestações idiossincráticas, já que as regras de boa formação constantemente se repetem, gerando abreviaturas definidas por regularidades. Na análise das abreviaturas, explicitamos as condições de boa formação que regem a abreviação na internet.

Por ora, é necessário esclarecer os recortes com os quais operamos para definir o *corpus* deste trabalho:

- (i) serão consideradas abreviaturas as expressões linguísticas em que se observar redução no número de grafemas em relação à grafia prevista pela convenção ortográfica para o português do Brasil. Por exemplo,

beleza (vocábulo composto por 6 grafemas) > *blz* (abreviatura composta por 3 grafemas);

- (ii) será considerada abreviatura cada expressão linguística que aparecer devidamente isolada por espaços em branco e que remeter a um – e somente um – vocábulo gráfico. Por exemplo, *cadê você* (enunciado composto por dois vocábulos) > *kd vc* (enunciado formado por duas abreviaturas, separadas por espaços em branco, que remetem a dois vocábulos distintos);
- (iii) não serão analisadas, de modo exaustivo, as abreviaturas contidas nos apelidos (*nicknames*) dos participantes do bate-papo. A nosso ver, a análise dos apelidos pode render outro estudo, o que impossibilitaria a realização de nossa proposta;
- (iv) serão excluídas da análise expressões linguísticas abreviadas que remetam a mais de um vocábulo (como uma locução) e não estejam separadas por espaços em branco. Esse tipo de processo será considerado como de formação de siglas. É o caso de *fim de semana* > *fds*.

Em relação a (iv), existe uma distinção entre a abreviação e o processo de formação de siglas – distinção apresentada por Gonçalves (2004) e seguida neste trabalho. O processo de constituição de siglas consiste na combinação das iniciais de nome composto ou de expressão, como no caso da sigla PT, que remete à expressão “Partido dos Trabalhadores”. Toda sigla resulta de abreviação, mas nem toda abreviação tem a sigla como produto (GONÇALVES, 2004).

Na internet, a abreviação pode render tanto abreviaturas quanto siglas, algumas das quais são, inclusive, legitimadas por gramáticas e manuais de língua portuguesa – é o caso das siglas estaduais (*São Paulo* > *SP*), encontradas no material coletado. Não

serão analisadas, no entanto, as siglas utilizadas no bate-papo em análise, sejam elas legitimadas por instituições (como é o caso das siglas estaduais) ou não (como em *fds* para *fim de semana*), uma vez que o processo de formação de siglas parece estar relativamente regularizado e conhecido como “combinação das iniciais de um nome composto ou de uma expressão”.

4.2. Modelos epistemológicos adotados

Neste trabalho, levamos em consideração a relevância de critérios quantitativos e qualitativos no tratamento dos dados. Ambos contribuem para observar que a abreviação digital é regular, o que pode ser observado por meio de indícios que os sujeitos deixam na (sua) atividade de escrita. Esses indícios são importantes para a elaboração de hipóteses acerca do funcionamento da linguagem no/do bate-papo virtual.

Um de nossos objetivos é apontar regularidades linguísticas da abreviação na internet. Para tanto, necessitamos quantificar a recorrência dos fenômenos linguísticos observados. Por outro lado, a quantidade de dados, a nosso ver, não é o que caracteriza sua relevância. Dados estatísticos são apresentados apenas para que a regularidade do processo seja comprovada, inclusive, matematicamente. A relevância do dado reside nas escolhas dos sujeitos escreventes, as quais, consideradas como “pistas”, “indícios” podem apontar para o tipo de funcionamento que caracteriza o (novo) gênero emergente em análise. Em outras palavras, buscamos indícios, na linguagem, de como os sujeitos de bate-papo se relacionam com o outro e com a (sua) escrita.

Para tanto, operamos com a noção de *paradigma indiciário*, modelo epistemológico que, segundo Ginzburg (1986), surgiu por volta do final do século XIX, no âmbito das ciências humanas. O que caracteriza fortemente esse saber é a proposta

de método interpretativo centrado em resíduos, dados marginais, considerados reveladores (GINZBURG, 1986).

Lidamos, portanto, com dados marginalizados – abreviaturas coletadas em bates-papos da internet –, considerando-os como reveladores, principalmente, das novas maneiras de se relacionar com o outro e com a linguagem, as quais emergiram em decorrência do desenvolvimento e do uso expandido das novas tecnologias.

A assunção desse paradigma permite, segundo Corrêa (2004), reunir conjunto de pistas em regularidades linguísticas que restituam, ao processo de escrita do escrevente, momentos de sua circulação dialógica: (i) pela imagem que ele faz das relações entre práticas orais/faladas e letradas/escritas na constituição da (sua) escrita, (ii) pela imagem do (seu) interlocutor e (iii) pela própria imagem como escrevente. A adoção desse método possibilita “captar o particular (a singularidade das pistas) e o geral (a especificidade do que é regular) da representação que o escrevente faz da (sua) escrita” (CORRÊA, 2004, p.22).

A opção por esse paradigma, de caráter qualitativo, em detrimento daqueles inspirados por modelos galileanos, predominantes, principalmente, nas investigações das chamadas ciências exatas, é justificada pela assunção dos indícios enquanto traços reveladores dos momentos em que o sujeito escrevente opera com a (sua) escrita; consideramos, pois, com Ginzburg (1986), que “alguns indícios mínimos podem ser assumidos como elementos reveladores de fenômenos mais gerais” (GINZBURG, 1986, p.178). Entendemos, no entanto, que, assim como o historiador, o linguista não pode reconstituir o fato em si. Porém, ele pode aventar hipóteses interessantes sobre a constituição do dado.

Conforme esclarecemos, não descartamos a realização de contagem estatística, uma vez que esse tipo de abordagem pode fornecer informações acerca da recorrência

dos dados investigados. Contudo, esse tipo de trabalho com os dados não será o privilegiado.

Buscamos, portanto, reconhecer nas escolhas dos sujeitos escreventes as hipóteses mobilizadas para que as abreviaturas digitais sejam formadas, segundo os propósitos comunicativos da situação de enunciação. A partir do reconhecimento dessas hipóteses, podemos supor como é o funcionamento da escrita digital, de maneira mais ampla.

5.

ANÁLISE DOS DADOS

(...) Sem alegria nem cuidado, nosso pai encalçou o chapéu e decidiu um adeus para a gente. Nem falou outras palavras, não pegou matula e trouxa, não fez a alguma recomendação. Nossa mãe, a gente achou que ela ia esbravejar, mas persistiu somente alva de pálida, mascou o beijo e bramou: - *“Cê vai, ocê fique, você nunca volte!”* Nosso pai suspendeu a resposta. (ROSA, 2008, p.37)

5.1. Das ferramentas empregadas

Como ferramenta de análise na investigação da abreviação digital, optamos pela adoção de uma teoria fonológica da sílaba. Um dos fatores que nos levou a escolher tal teoria foi a hipótese de que as omissões de grafemas na constituição de abreviaturas são, em alguma medida, condicionadas pela estrutura das sílabas que compõem os vocábulos. Os escreventes levam em consideração a constituição das sílabas para decidir qual grafema pode ou não ser omitido na formação de abreviaturas.

Outro fator que corroborou a adoção de uma teoria fonológica da sílaba foi a ideia de que, por meio de uma teoria como essa, é possível observar a relação entre os modos de enunciação falado e escrito da língua, relação essa tão intrigante e repudiada por puristas. Procuramos, em determinados momentos, relacionar as sílabas gráfica e fonológica, com o intuito de investigar até que ponto a atividade de escrita dos usuários de bate-papo virtual indicaria sua inserção em práticas orais/faladas – tal como se poderia depreender, por exemplo, de escolhas ortográficas e de relações com a fonética-fonologia da língua, ou seja, das correspondências (não-convencionais) grafema/fonema. Esses momentos em que o escrevente busca aspectos do oral/falado para construir a (sua) escrita são indiciários de sua circulação dialógica pelo primeiro

eixo proposto por Corrêa (2004) – o eixo da *gênese da escrita* – e, por conseguinte, da constituição heterogênea da escrita. Além de buscar plasmar características de práticas orais/faladas na escrita digital, os sujeitos escreventes parecem buscar, também, aproximar o outro do discurso – o interlocutor, que na conversação face a face divide o mesmo espaço físico, mas que, no bate-papo digital, encontra-se separado fisicamente.

Silva (2006, 2009) notou, no caso do português de Portugal, que em bate-papos digitais são privilegiadas as supressões de grafemas dentro da palavra, mais especificamente, no interior das sílabas. Essa é uma tendência, segundo a pesquisadora, das línguas românicas quando utilizadas em ambiente digital.

Embora os trabalhos de Silva (2006, 2009) apresentem embasamento teórico distinto do nosso, tanto no que se refere à concepção de língua e de escrita, quanto no que se refere à própria definição de sílaba, no português do Brasil, detectamos a mesma tendência a supressões de grafemas no interior da palavra – respeitando-se características da sílaba.

Ainda que a noção de sílaba não seja de fácil definição, autores como Selkirk (1982, 1984) e Jakobson (1985) são unânimes ao afirmar que a sílaba é o lugar central de organização de segmentos, o que, a nosso ver, pode se dar tanto fonologicamente, na fala, quanto ortograficamente, na escrita.

Segundo Collischonn (2005), existem, basicamente, duas teorias a respeito da estrutura interna da sílaba: a teoria autossegmental e a teoria métrica da sílaba. A primeira foi inspirada na notação autossegmental e pressupõe camadas independentes, uma das quais representa as sílabas às quais estão ligados diretamente os segmentos.

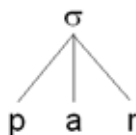


Figura 06. Representação da sílaba de acordo com a teoria autosssegmental

A teoria métrica, por outro lado, defende que as sílabas são estruturadas como demonstra a representação abaixo, segundo Selkirk (1982):

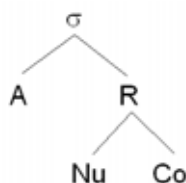


Figura 07. Representação da sílaba de acordo com a teoria métrica

Selkirk (1982) defende que a sílaba é unidade fonológica dotada de estrutura não-linear de constituintes. Assim, uma sílaba, segundo a autora, apresenta ataque (A) e rima (R); a rima, por sua vez, apresenta núcleo (Nu) e coda (Co), sendo que qualquer categoria, exceto o núcleo, pode ser vazia.

Neste trabalho, assumimos a noção de sílaba tal como proposta por Selkirk (1982, 1984), uma vez que, segundo Collischonn (2006), é possível notar, no caso do português, a existência de fortes restrições em relação aos elementos que podem ocupar as diferentes posições da sílaba e em relação às posições que devem ser representadas e aquelas que podem ser vazias. Por exemplo, nem todos os segmentos podem preencher a coda em português, apenas /R/, /l/, /S/, /N/ e as semivogais. Em geral, os segmentos que podem preencher a coda também podem ocupar o ataque silábico, mas o contrário nem sempre ocorre (COLLISCHONN, 2006). Esse tipo de restrição que varia de posição silábica para outra indicia que a relação entre os constituintes da sílaba não pode ser tomada como linear e idêntica. A teoria que abarca essas relações não-lineares

ou hierárquicas entre os constituintes é a teoria métrica, que tem em Selkirk sua principal representante.

É possível fazer uma analogia da proposta de Selkirk (1982) com a proposta de Camara Jr. (1970). Embora as propostas teóricas sejam distintas, a comparação é relevante, uma vez que esse último autor desenvolveu estudos, de maneira específica, sobre a sílaba no português brasileiro. Uma das diferenças entre as reflexões de Camara Jr. e as de Selkirk reside no tipo de relação estabelecida entre os constituintes da sílaba. No primeiro, depreende-se que os elementos da sílaba apresentam-se de maneira sequenciada, direta, gerada de um único ponto da estrutura silábica – o que permite aproximar Camara Jr. do modelo autossegmental. Selkirk (1982), no entanto, defende que existe relação de hierarquia entre os constituintes da sílaba (modelo hierárquico). Seguindo esse último raciocínio, a relação entre o constituinte que ocupa a posição de núcleo e o que ocupa a posição de coda é mais intrínseca do que entre esse último constituinte e aquele da posição de ataque.

Para Camara Jr. (1970), a enunciação da sílaba, quando ela é completa, consta de aclave, ápice e declive, o que corresponderia, respectivamente, ao ataque, ao núcleo e à coda silábica, no modelo hierárquico de Selkirk (1982). Camara Jr., em sua proposta de representação silábica, leva em consideração a natureza acústica desse constituinte ao defender que a produção sonora da sílaba apresenta três momentos de energia acústica distinta: aclave, ápice e declive. Já para Selkirk, a sílaba é constituinte prosódico, com hierarquia interna própria e universal, que se relaciona à representação mental do falante.

Camara Jr. (1970) ressalta, ainda, que, no português brasileiro, o ápice (correspondente ao núcleo no modelo de Selkirk) é ocupado sempre por vogal, sendo esse elemento de presença obrigatória na estrutura silábica do português. As outras

posições da sílaba não precisam, necessariamente, ser preenchidas. Notamos, assim, como o princípio universal (o que postula que a posição de núcleo deve ser preenchida sempre por elemento com características vocálicas), proposto por Selkirk (1982), aplica-se ao português: a posição do núcleo, que não pode ser vazia, será ocupada, sempre, por vogal.

Fazemos a ressalva de que a teoria métrica da sílaba, proposta por Selkirk (1982), que fundamenta o desenvolvimento desta pesquisa, é utilizada como ferramenta de análise dos dados. Este trabalho não tem como objetivo, portanto, problematizar aspectos teóricos acerca do modelo adotado, uma vez que a ideia não é discutir aspectos teóricos de orientação fonológica. O objetivo, aqui, é o de buscar apoio em conhecimento teórico sólido o suficiente para permitir observar regularidades na atividade de escrita em bate-papos virtuais da internet.

Ressaltamos, ainda, que a análise será realizada com base no registro gráfico dos enunciados dos escreventes de *chat*, ou seja, levaremos em conta não apenas a sílaba fonológica, mas, também, sua contraparte ortográfica. A correspondência entre grafema e fonema pode indiciar os momentos em que o escrevente procura recuperar o que seria a realização sonora do vocábulo, caso esse fosse pronunciado em voz alta e, nesse sentido, seria possível constatar uma busca pela aproximação de práticas orais/faladas às práticas letradas/escritas. Portanto, este estudo pode mostrar, também, conhecimentos letrados/escritos de que os escreventes fazem uso na situação de interação verbal.

5.2. Análise do *corpus*

Seguidos os critérios de seleção do *corpus*, as abreviaturas levantadas foram organizadas segundo regularidades linguísticas. Essas *regularidades* são agrupamentos

de marcas locais (CORRÊA, 2004) referentes às posições silábicas escolhidas para serem (ou não) representadas graficamente. São quatro as regularidades observadas no *corpus* deste trabalho, as quais classificamos de Tipo A, Tipo B, Tipo C e Tipo D.

De maneira sucinta, o Tipo A abarca as abreviaturas formadas essencialmente pela omissão da vogal que ocupa o núcleo das sílabas que compõem os vocábulos (por exemplo: *beleza* > *blz*). O Tipo B abrange as abreviaturas formadas por meio de empréstimos linguísticos, em particular, dos usos de inglês (por exemplo: *camera* > *cam*). As abreviaturas de Tipo C correspondem à representação que o escrevente faz de vocábulos relacionados a práticas orais/faladas e letradas/escritas mais informais, pelas quais ele circula (por exemplo: *menina* > *mina*). Por fim, o Tipo D é formado por simplificações de grafia, mais frequentemente, de dígrafos, os quais podem ser substituídos por grafema de valor sonoro idêntico ao do dígrafo (é o caso de *bicho* > *bixo*).

A Tabela 02 mostra o total de abreviaturas encontradas no *corpus*, o total de abreviaturas de cada tipo e sua recorrência em termos percentuais:

Tabela 02. Total de abreviaturas encontradas no *corpus* e recorrência percentual de cada tipo.

Total de abreviaturas presentes no <i>corpus</i>	Total de abreviaturas do Tipo A	Total de abreviaturas do Tipo B	Total de abreviaturas do Tipo C	Total de abreviaturas do Tipo D
444	249	142	39	15
Recorrência percentual	56,8%	31,9%	8,7%	3,3%

Algumas das regularidades encontradas no *corpus* parecem ser mais produtivas do que outras nesse modo de enunciação digital. É o caso da regularidade de Tipo A, responsável pela formação de 55,8% das abreviaturas encontradas. Nesse sentido,

poderíamos dizer que essa regularidade é prototípica da escrita (multimodal) produzida nesse contexto da internet.

Depois do Tipo A, o Tipo B é o que engloba a maior quantidade de abreviaturas. São 142 abreviaturas, das 444 analisadas neste trabalho (31,9%). As de Tipo C totalizam apenas 8,7%. É interessante observar os dados desses dois tipos de maneira conjunta: enquanto as abreviaturas do Tipo C indiciam a relação mais estreita do escrevente e da (sua) escrita com práticas sociais mais informais da oralidade/fala, as abreviaturas de Tipo B parecem apontar para conhecimento de práticas letradas/escritas, principalmente, em ambiente digital, uma vez que, nesse espaço de enunciação, ainda há predomínio do uso da língua inglesa, em particular, no que se refere aos recursos técnicos que são disponibilizados ao usuário. Portanto, ao contrário do que às vezes apregoam instituições sociais, como a escolar e a midiática, por exemplo, a escrita (multimodal) na/da internet parece se relacionar menos com práticas orais/faladas do que com práticas letradas/escritas. É para esse sentido que a análise percentual dos dados parece apontar. Voltaremos à análise da relação entre essas práticas adiante.

O Tipo D é formado por abreviaturas que se constituem pela simplificação gráfica de dígrafos. Nesses casos, sequências de duas consoantes são substituídas por um único grafema cujo valor sonoro seja equivalente ao do dígrafo substituído. Abreviaturas do Tipo D aparecem em 3,3% dos dados que constituem o *corpus* deste trabalho.

Considerando-se a recorrência de cada um dos tipos apresentados, temos, pois, o seguinte gráfico:

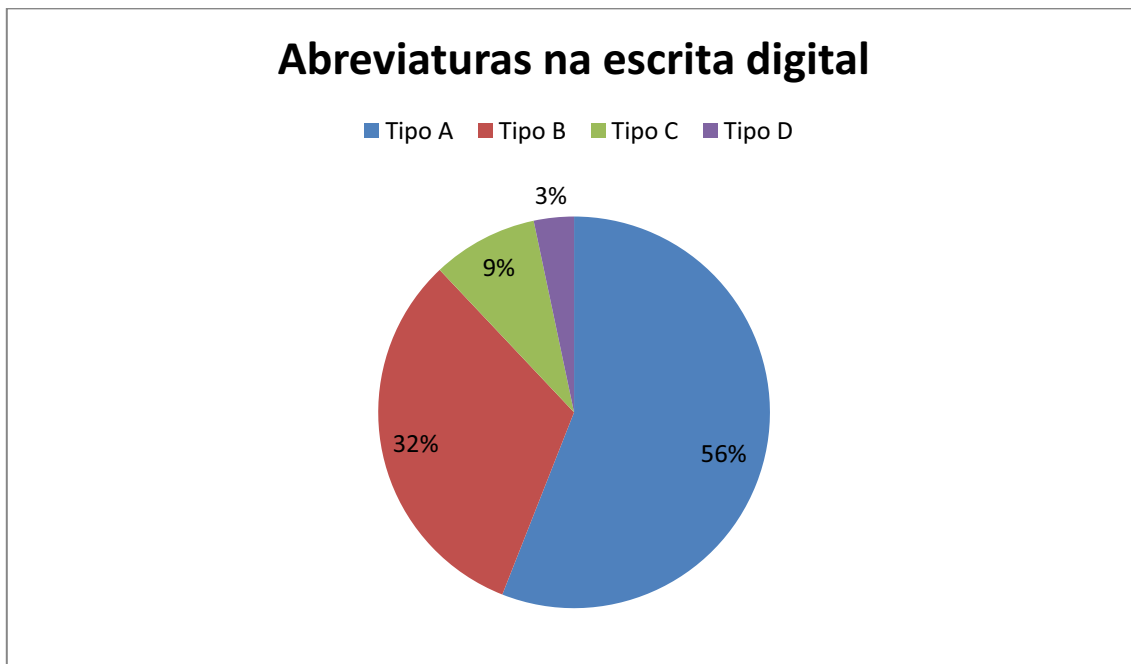


Gráfico 01. Porcentagem de recorrência de cada tipo de abreviatura.

A tabela seguinte relaciona as abreviaturas encontradas nas duas “conversas” coletadas para a realização deste trabalho¹⁸.

¹⁸ Esclarecemos que uma mesma abreviatura pode ser enquadrada em dois tipos distintos, simultaneamente. É o caso da abreviatura *ak > aqui*, a qual pode pertencer tanto ao Tipo A quanto ao Tipo D. Neste caso, a abreviatura é contabilizada nos dois tipos aos quais pode pertencer, mas não é contabilizada duplamente no total geral das abreviaturas, já que aparece uma única vez no *corpus*.

Tabela 03. Relação das abreviaturas que compõem o *corpus*.

Tipo A Omissão da vogal nuclear	Tipo B Empréstimos linguísticos	Tipo C Representação de vocábulos relacionados a práticas sociais mais informais: oralidade/fala e letramento/escrita	Tipo D Simplificação de dígrafos
<ul style="list-style-type: none"> • td > tudo • tdu = tudo • vc > você • tc > teclar • q > que • c > se • blz > beleza • d > de • ond > onde • tbn > também • ã > não • long > longe • kct > cacete • qtos > quantos • qnts > quantos • idad > idade • rsrs > risos • msm > mesmo • q > quer • tdo > tudo • qntos > quantos • qts > quantos • adc > v. adicionar • bm > bem • mlk > moleque • c/ > com • vlw > valeu • tb > também • kd > cadê • gta > gata • vmos > vamos • bjs > beijos • ak > aqui 	<ul style="list-style-type: none"> • add > v. adicionar • ok > okay • cam > camera • on > on-line 	<ul style="list-style-type: none"> • sampa > São Paulo • to > estou • interessa > interessar • faze > fazer • pinda > Pindamonhangaba • ta > está • melho > melhor • mina > menina • luga > lugar • oviu > ouviu • fala > falar • toma > tomar • troca > trocar • mó > maior • pra > para • chego > chegou • contos > quantos • zuera = zoeira 	<ul style="list-style-type: none"> • pesquisa = pesquisa • qer = quer • qerem = querem • ki = que • ak = aqui • bixo = bicho • xau = tchau • ker = quer

5.3. As regularidades

5.3.1. Tipo A

Retomando o que foi dito anteriormente, as abreviaturas que se enquadram no Tipo A são formadas, basicamente, pela omissão do núcleo silábico de uma ou mais sílabas que compõe(m) o vocábulo gráfico. Em termos gerais, podemos formular, então, que a regularidade principal de formação de abreviaturas na internet é o apagamento do elemento que ocupa o núcleo das sílabas.

- (01) **skater** fala para **vivi**: d ond vc e
- (02) **GATINHO** fala para **princinha**: td boum? afin de tc?
- (03) **alci gatinha** fala para **GATINHO SAFADINHO**: tc de onde
- (04) **skater** fala para **vivi**: putz e long pra kct
- (05) **vinicius 17 ssa** fala para **iza**: qts anos vc tem minha linda?

Os enunciados acima transcritos foram retirados do material coletado e demonstram claramente o predomínio de abreviaturas formadas pelo apagamento da vogal de núcleo das sílabas.

Em (01), observamos a presença de três vocábulos abreviados: *de* > *d*, *onde* > *ond* e *você* > *vc*. De maneira geral, a formação dessas abreviaturas deu-se pelo apagamento da vogal de núcleo de, pelo menos, uma sílaba dos vocábulos. No entanto, não podemos afirmar que o resultado da abreviação é idêntico em todos esses casos: basta observar que, a depender da estrutura de cada sílaba do vocábulo gráfico, a vogal de núcleo de uma das sílabas é ou não omitida para formar abreviaturas.

Vocábulos que se constituem por sílabas de padrão CV (consoante e vogal) resultam, comumente, em abreviaturas formadas pelo primeiro grafema de cada sílaba. É o caso de *de* > *d* e *você* > *vc*, em (01), e *tudo* > *td*, em (02). Nesses casos, há o apagamento da vogal de núcleo das duas sílabas de ambos os vocábulos e a manutenção dos grafemas convencionais de cada uma dessas sílabas. Certas abreviaturas também podem ser “otimizadas” pelo princípio acrofônico. Em alguns casos, o som da sílaba cujo núcleo foi omitido pode ser recuperado pelo nome da consoante antecedente, a qual ocuparia a posição de ataque. É o caso de *de* > *d* e da segunda sílaba dos vocábulos *você* > *vc* e *onde* > *ond*, em (01).

O princípio acrofônico parece ser bastante produtivo na formação de abreviaturas. Das 248 ocorrências de abreviaturas do Tipo A, 183 apresentam acrofonia em sua formação. Essa predominância parece indiciar o reconhecimento, por parte do escrevente, da existência e da importância da função do leitor na situação enunciativa. Valendo-se do princípio acrofônico, o escrevente supõe que a vogal nuclear omitida para a formação da abreviatura seja facilmente recuperada pelo outro no processo de comunicação, já que se trata de prática social reconhecida em contextos mais informais.

A formação silábica (CV) pode ser considerada, dessa forma, a condição mais favorecedora para que a regularidade de Tipo A se aplique em todas as sílabas de um vocábulo. Nesses casos, ocorre o apagamento da vogal de núcleo e a manutenção do grafema da posição de ataque silábico.

Silva (2009) esclarece que o formato silábico mais atestado em todas as línguas é o formato CV, também denominado por “sílabas básicas” ou “formato não marcado” (SILVA, 2009). No caso específico do português, de acordo com Silva, este formato é, também, o mais representativo, sendo o que surge com mais frequência nas palavras usadas pelos falantes da língua.

Muitos vocábulos, no entanto, apresentam sílabas que não se enquadram no padrão tido como o “ideal” para o português (CV) – é o caso de *onde* > *ond*, em (01), e de *teclar* > *tc*, em (02) e (03). No caso específico da escrita (multimodal) produzida na internet, percebemos que, em vocábulos com sílabas complexas, ou seja, que apresentam a posição de ataque ramificada (com mais de um elemento) e/ou com a posição de coda preenchida, ocorre certo condicionamento em relação à posição em que a abreviação irá ocorrer. A primeira sílaba de *onde*, por exemplo, é destituída da posição de ataque. Além da ausência do ataque, apresenta a posição de coda preenchida por consoante nasal. Nesse caso, os escreventes, na internet, optam por manter a primeira sílaba do vocábulo conforme prevê a convenção ortográfica, suprimindo apenas a vogal do núcleo da segunda sílaba, formada pelo padrão CV (*ond*). É, portanto, na segunda sílaba do vocábulo – de padrão CV – que ocorre a abreviação.

Levando-se em conta, ainda, a abreviação de *onde*, podemos afirmar que, nos vocábulos em que a posição de ataque de alguma das sílabas não é preenchida, cresce a importância do registro da vogal de núcleo da sílaba e do elemento da posição de coda (quando houver) na atribuição de sentidos das abreviaturas – o que não ocorre se a sílaba se encaixa no padrão CV. Em *ond* a importância desse registro é ainda maior, uma vez que a sílaba VC é a sílaba em que recai a tonicidade do vocábulo. O escrevente preserva, portanto, a sílaba tônica, cujo padrão é distinto daquele tido como o “ideal” para o português, e forma a abreviatura suprimindo somente a vogal de núcleo da segunda sílaba – vogal essa que pode ser recuperada, facilmente, pelo princípio acrofônico, ou seja, pela simples leitura da sílaba como a consoante “de”, a qual preenche a posição de ataque da sílaba.

Em *teclar* > *tc*, o que se observa é que a primeira sílaba se enquadra no padrão CV, enquanto que a segunda apresenta ataque ramificado, além da posição de coda

preenchida, resultando em uma sílaba CCVC. O interessante é que, ainda que o vocábulo *teclar* apresente sílaba complexa (formada por ataque ramificado e pela posição de coda preenchida), o resultado é abreviatura constituída pelo primeiro grafema de cada sílaba – o que ocorre, preferencialmente, em vocábulos cujas sílabas se enquadrem no padrão CV. Isso nos leva a pensar que a posição que mais favorece a formação de abreviaturas é a posição de ataque. Dito de outra forma, se o vocábulo apresenta a posição de ataque preenchida, é provável que essa posição será representada preferencialmente, o que corrobora a omissão dos demais elementos da sílaba. Essa preferência pelo registro do elemento do ataque parece se confirmar quando investigamos abreviaturas como *teclar* > *tc*. O ataque ramificado da segunda sílaba não é representado graficamente, nem o elemento da posição de coda.

Além da previsibilidade fonológica, é possível inferir, discursivamente, o sentido da abreviatura. *Teclar* é o verbo utilizado para caracterizar a atividade de escrita realizada especificamente em ambiente digital, seja o computador ou o aparelho de celular.

Outra observação importante a ser feita em relação ao ataque ramificado diz respeito ao grau de previsibilidade do segundo elemento. De acordo com Collischonn (2006), apenas um elemento lateral (/L/) ou um elemento vibrante (/R/) pode ocupar a segunda posição de um ataque ramificado. Por esse motivo, na formação de abreviaturas na internet, omite-se o segundo elemento do ataque – mais facilmente previsível. Mantém-se, entretanto, o primeiro elemento do ataque ramificado.

Esse tipo de “preferência” pelo registro gráfico de uma posição silábica em detrimento de outra(s) reafirma, ainda, a importância da teoria fonológica utilizada para a análise da abreviação digital. Ao verificarmos o registro gráfico preferencial do

elemento da posição de ataque, observamos a relação hierárquica estabelecida entre os elementos no interior das sílabas.

Conforme mencionado, o apagamento da vogal de núcleo dá-se, muitas vezes, aliado à utilização do princípio acrofônico, por meio do qual a vogal do núcleo, omitida na formação da abreviatura, pode ser facilmente recuperada. Ao se apropriar desse princípio, o escrevente demonstra domínio em relação ao alfabeto da língua, uma vez que ao escrever/ler abreviaturas deve, em alguns casos, recorrer ao nome da letra para compreender a sílaba do vocábulo. Esse domínio está relacionado à circulação do escrevente por práticas letradas/escritas, ou seja, pela sua relação com o simbólico do processo de escrita.

No enunciado (04), o domínio do alfabeto da língua por parte do escrevente se evidencia, já que, para expressar, de maneira informal, seu espanto, utiliza abreviatura para o vocábulo *cacete* > *kct*. Neste caso, as vogais de núcleo de todas as sílabas do vocábulo são omitidas, mas podem ser recuperadas se o leitor observa que deve recorrer ao nome das letras que compõem a abreviatura. Cada uma dessas letras representa uma sílaba do vocábulo. Além de omitir as vogais nucleares, o escrevente opera troca do grafema “c”, da primeira sílaba, para o grafema “k”, a fim de que a recuperação do som do vocábulo seja completa. Neste caso, o princípio acrofônico é eficaz em todas essas sílabas.

Em relação ao registro de elementos da posição de coda, pesquisa quantitativa realizada por Fusca e Luiz Sobrinho (2010) demonstra que, em vocábulos gráficos que apresentam a posição de coda preenchida, há forte tendência à não-representação gráfica das consoantes nessa posição: das 295 possibilidades de registro encontradas em um conjunto de material também extraído de bate-papo virtual, em apenas 5% registrou-se a consoante da coda. Essa tendência à eliminação pode ser explicada, em primeiro lugar,

pela própria característica acústica da posição de coda da sílaba e, em segundo lugar, por tendência da língua portuguesa de haver o enfraquecimento e/ou apagamento de segmentos em coda.

Sobre essa tendência da língua portuguesa de enfraquecimento e/ou apagamento de segmentos em coda, observamos, com Collischonn (2006), que alguns fenômenos linguísticos, como a vocalização de /l/, a palatalização de /s/ e a posteriorização de /r/, podem indiciar motivação geral para a posteriorização da articulação das consoantes que travam a sílaba, no português do Brasil, o que representa passo em direção à perda da consoante em posição de coda, chegando ao padrão silábico ideal CV (consoante e vogal) (COLLISCHONN, 2006). Correlativamente, a tendência da língua em buscar o padrão silábico ideal (CV) pode ser, também, explicação para a recorrente omissão de grafemas que ocupam a posição de coda em abreviaturas digitais.

No entanto, em vocábulos como *longe* > *long* e *onde* > *ond*, abreviados na internet, o que se nota é o frequente registro da consoante da coda silábica, ao contrário do que ocorre com outros segmentos que podem ocupar essa posição (/S/ e /R/, por exemplo). Esse registro frequente das nasais parece estar relacionado, conforme Fusca e Luiz Sobrinho (2010), a características acústicas do segmento.

Para Kent & Read (1992), a nasalização do sinal acústico influencia outros sons, como a realização das vogais: em geral, vogais que antecedem ou precedem consoantes nasais tendem a ser nasalizadas em algum grau (KENT & READ, 1992¹⁹, *apud* FUSCA, LUIZ SOBRINHO, 2010). Uma vez que, acusticamente, a nasal influencia o som da vogal nuclear, nos casos em análise (*longe* > *long* e *onde* > *ond*), essa não pode ser omitida para que não haja prejuízo no momento da decodificação da abreviatura. O

¹⁹ KENT, R. D.; READ, C. The Acoustic Characteristics of Consonants. In: _____. *The Acoustic Analysis of Speech*. San Diego, California: Singular Publishing Group, INC, 1992. p.105-144.

frequente registro da consoante nasal em posição de coda deve-se, pois, à interferência acústica que a nasal promove na vogal nuclear.

Em relação às outras possibilidades de coda (/R/ e /S/), notamos que o registro ocorre, preferencialmente, quando há informação morfológica que o escrevente julga importante. Por exemplo, em *bjs* > *beijos*, o escrevente opta por realizar o registro do elemento da coda da última sílaba, pois parece ser relevante, neste caso, a informação morfológica de número, ou seja, o plural.

Por outro lado, não encontramos no *corpus* nenhum registro da vibrante em posição de coda. Essa ausência de registro pode estar relacionada à ligação que a escrita (multimodal) de bate-papos estabelece com práticas sociais informais. Em *quer* > *q*, por exemplo, a ausência de registro da vibrante pode indiciar a aproximação do escrevente a práticas informais da oralidade/fala, por exemplo, nas quais é comum o apagamento do som da vibrante da coda.

As abreviaturas que se formam pelo registro do primeiro grafema de cada sílaba, principalmente, quando esse registro se dá em concordância com o princípio acrofônico, remete-nos a certo tipo de escrita, conhecido como “silabário”. Os silabários são subsequentes aos pictogramas e predominaram no Oriente Médio por volta de 3200 a.C. (CAGLIARI, [s.d]). Essa forma de escrita reduziu significativamente o número de caracteres necessários à composição de palavras em relação à escrita pictográfica. Essa redução parece operar, também, em relação às abreviaturas digitais.

Vale ressaltar que todas as abreviaturas pertencentes ao Tipo A apresentam, ao menos, uma característica em comum: as sílabas dos vocábulos são, sempre, representadas por, pelo menos, um grafema, sendo esse, preferencialmente, o grafema que ocupa a posição de ataque silábico (*td*, *vc*, *tc*). O elemento nuclear das sílabas é o

mais frequentemente omitido, privilegiando-se o registro do elemento do ataque silábico.

Sintetizando o que foi dito, especialmente a respeito das abreviaturas do Tipo A, parece haver *condições de boa formação* de abreviaturas do Tipo. A. O padrão silábico que mais favorece a aplicação dessa regularidade é aquele tido como o “ideal” no português brasileiro, ou seja, sílabas formadas por consoante e vogal (CV). Nesses casos, realiza-se a omissão da vogal silábica nuclear e mantém-se a consoante da posição de ataque (*beleza* > *blz*).

Quando dado vocábulo apresenta sílabas que fogem ao padrão CV, a vogal nuclear pode ou não ser omitida. Estruturas silábicas VC bloqueiam a omissão da vogal, uma vez que a sílaba é destituída da posição de ataque. A vogal nuclear é, pois, mantida. Percebemos, no entanto, que o registro gráfico da consoante na posição de coda pode ou não ser realizado. O registro do elemento da posição de coda é feito, preferencialmente, no caso de coda nasal – uma vez que a nasalidade é uma propriedade acústica que se espalha para a vogal antecedente, modificando-a. No *corpus*, não houve registro de vibrante em posição de coda, o que pode indiciar a ligação da escrita digital com práticas mais informais de oralidade/fala e letramento/escrita. Por outro lado, o registro da coda sibilante (/S/) parece estar relacionado à percepção de informação morfológica considerada importante pelo escrevente, ou seja, a informação de plural.

Quando o vocábulo a ser abreviado apresenta ramificação no ataque, é provável que a consoante dessa ramificação não venha a ser representada graficamente na constituição da abreviatura. É o que ocorre com o verbo *teclar* > *tc*. A segunda sílaba apresenta duas consoantes na posição de ataque; no entanto, apenas a primeira delas é representada na abreviatura. O grafema da segunda posição do ataque pode ser facilmente recuperado, pois apenas /L/ ou /R/ podem ocupar a referida posição. Esse

dato corrobora o fato de que abreviaturas desse tipo são compostas por apenas uma consoante de cada sílaba do vocábulo gráfico, sendo essa, preferencialmente, a primeira delas (no caso de ramificações no ataque).

Silva (2009) chegou a conclusão semelhante para o português de Portugal. A pesquisadora observou que, apesar de o núcleo ser o constituinte de realização obrigatória no interior da sílaba, sua supressão é representativa no *corpus* por ela analisado. Pelo fato de serem em menor número, as vogais, segundo Silva, apresentam pouca informatividade. Já o ataque silábico é o responsável por favorecer o reconhecimento lexical, especialmente, em posição inicial, no caso de ramificação (SILVA, 2009).

Esse fato comprova que a abreviação, na internet, não consiste em mero corte de palavras. Em salas de bate-papo, o referido processo é resultado da consideração de aspectos importantes da situação comunicativa. O escrevente parece reconhecer (no *desconhecimento* inconsciente das relações entre língua e discurso) que nem todo grafema pode ser suprimido sem prejuízo da compreensão por parte do outro. Os escreventes parecem deixar indícios para que o leitor consiga recuperar os elementos elididos. Assim, o *outro* assume lugar de destaque na “conversação”; ao abreviar, o escrevente o faz visando à *compreensão responsiva* do enunciado.

De nosso ponto de vista, esta atividade verbal entre interagentes leva em consideração a circulação de enunciados *já ditos* – já falados/ouvidos, já escritos/lidos – na cadeia da comunicação. A abreviação indicia, pois, a tentativa de não deixar que o *já dito* seja sinônimo de redundância, a qual poderia comprometer o estabelecimento de laços (ainda que frágeis, fugidios) no ambiente do bate-papo.

Por fim, as abreviaturas de Tipo A parecem ser regidas pelo que chamamos, neste trabalho, de *princípio de maximalidade*. Significa dizer que parece haver uma

quantidade máxima de sílabas que podem ser representadas para que a abreviatura seja considerada bem formada. A análise do *corpus* demonstrou que o máximo parece ser o de três sílabas. Em outras palavras, mesmo que um vocábulo seja formado por quatro sílabas ou mais, uma abreviatura bem formada registrará grafemas de, no máximo, três das sílabas que constituem o vocábulo. É o que ocorre com *adicionar* > *adc*. De nosso ponto de vista, essa “economia” não diz respeito apenas à tacocracia, isto é, à exigência de velocidade da contemporaneidade, como argumenta Cortella (2009), mas também ao modo de enunciação digital que tem como objetivo reduzir distâncias, mediante redução gráfica das palavras.

5.3.2. Tipo B

As abreviaturas de Tipo B são aquelas relacionadas mais diretamente a práticas letradas/escritas reconhecidas como legítimas na situação de enunciação informal nos bate-papos. Os exemplos abaixo demonstram o uso de algumas delas.

(06) **morena** fala para **Todos**: oie me add no MSN

(07) **CAM_Pelado_Gostoso** (*reservadamente*) fala para **bia**: Faço oq vc quiser na cam gatinha

As abreviaturas classificadas como do Tipo B derivam de vocábulos em língua estrangeira, em particular, aqueles atribuídos à língua inglesa. Em (06), o escrevente utiliza o verbo *to add*, que significa adicionar. Neste caso, não houve redução de grafemas no vocábulo em inglês. No entanto, consideramos *add* como abreviatura, já que o escrevente optou por utilizá-lo em detrimento do verbo *adicionar*, em português. Essa opção pelo vocábulo de língua inglesa indicia não somente a circulação do

escrevente por ambientes “virtuais”, uma vez que a língua inglesa impera quando se trata do uso de tecnologia digital, mas, também, a circulação desse escrevente por práticas letradas/escritas, já que esse uso demonstra conhecimento do significado do verbo em inglês, com emprego eficaz na comunicação . Diferentemente do exemplo anterior, em (07) pode-se afirmar que houve redução de grafemas: *camera* > *cam*.

Como mencionamos, as abreviaturas de Tipo B indiciam a circulação dialógica do sujeito escrevente pelo segundo eixo proposto por Corrêa (2004): o da *representação do código escrito institucionalizado*. Ao utilizar vocábulo em língua inglesa, o escrevente demonstra sua forte vinculação com determinadas práticas letradas/escritas, uma vez que parece dominar a grafia do vocábulo de origem estrangeira, bem como seu correspondente em português. Esse tipo de domínio parece indicar, também, a circulação do escrevente por (novos) gêneros digitais, uma vez que, na internet, é frequente o uso de termos em inglês, como os que aparecem nos exemplos (06) e (07).

Considerando, dessa forma, as abreviaturas de Tipo B – o segundo tipo mais produtivo no conjunto do material em análise – parece não ser coerente afirmar que a prática de escrita digital seja constituída apenas por referências tomadas da oralidade/fala dos escreventes. Pelo contrário, nesse tipo de abreviatura observamos *pistas* da circulação desses sujeitos por práticas distintas daquelas que podem ser tomadas como características do relacionamento face a face.

É interessante examinar, ainda, que o uso de abreviaturas desse tipo pode mostrar, também, a tentativa de aproximar os enunciadorees por meio do suposto domínio da tecnologia de informação utilizada. O domínio de conhecimentos tecnológicos também atesta o interesse do enunciadoree pelo outro, neste caso, mediante uso de recursos que possibilitam diminuir as distâncias físicas existentes.

5.3.3. Tipo C

Passemos à análise de abreviaturas do Tipo C, ou seja, abreviaturas que apontam para a representação que o escrevente faz de vocábulos relacionados a práticas mais informais de oralidade/fala e de letramento/escrita. Nesses casos, o escrevente procura plasmar, na escrita, características que ele atribui a vocábulos nesses contextos informais. Abaixo, transcrevemos exemplos:

- (08) **skater** fala para **vivi**: vamo c fala por msn ?????
- (09) **gostosinhOoo** fala para **Todos**: tem alguma mina safada akiii nessa sala !??
- (10) **PEPE 16** fala para **Todos**: alguem ta afim de tc
- (11) **moreno carente (reservadamente)** fala para **Todos**: to de volta

Vale lembrar que as abreviaturas do Tipo C não são numerosas. Essa regularidade constitui apenas 8,7% das abreviaturas encontradas no conjunto do material. Esse número reduzido de abreviaturas contraria, de certa forma, perspectiva bastante difundida, principalmente, quando do surgimento dos primeiros programas de comunicação via computador: o de que a escrita digital seria tentativa de “transcrição fonética”, ou, ainda, “fala escrita”. Por meio de análise quantitativa, percebemos que as abreviaturas em que se pode notar que o escrevente opera, explicitamente, com informações que ele julga pertencer à oralidade/fala, não são numerosas. Além disso, se o “internetês” fosse “fala escrita”, as abreviaturas deveriam ser lidas exatamente da mesma forma como foram escritas, o que, em geral, não ocorre. Ao deparar-se com a abreviatura *blz*, por exemplo, o escrevente a “decodifica” e lê *beleza*, e não *be, ele, ze*.

Sobre esse aspecto, Silva (2009) afirma que, no processo de leitura, os grupos de consoantes que surgem em decorrência da abreviação digital são lidos como unidades

visuais e não por meio de decodificação fonológica. Os leitores proficientes usam o contexto no reconhecimento e na identificação das palavras representadas, recorrendo à informação não-visual ou aos seus conhecimentos prévios para “decodificarem” a mensagem. Para a pesquisadora, estratégias que envolvem o uso do contexto para o reconhecimento da configuração total das palavras são necessárias para leitura proficiente, o que parece acontecer no processo de comunicação de bate-papos virtuais, uma vez que, nesse ambiente, a comunicação se dá de maneira rápida e eficaz (SILVA, 2009, p.16-17).

Em outras palavras, parece evidente que o (re)conhecimento do (novo) *gênero de discurso* é aspecto importante no momento de escrever/abreviar e de ler as abreviaturas. No caso das abreviaturas digitais, não apenas a *construção composicional* e o *estilo* do gênero são relevantes; o reconhecimento do *conteúdo temático* é imprescindível para a constituição dos discursos e de seus efeitos de sentido. A abreviação é o resultado de características genéricas e do relacionamento estabelecido entre os enunciadores por meio do computador.

São frequentes os momentos em que a circulação do escrevente por conhecimentos letrados/escritos é explicitada. É o caso, por exemplo, da utilização do princípio acrofônico na composição de abreviaturas, o qual indicia, por parte do escrevente, o domínio do sistema alfabético da língua, conhecimento esse letrado/escrito, da ordem do simbólico.

Nas abreviaturas de Tipo C, o escrevente coloca em evidência a (sua) circulação por práticas informais de oralidade/fala e de letramento/escrita ao tentar plasmar, na escrita, traços tidos como característicos dessas práticas. Em (08), por exemplo, a grafia do verbo *falar*, no infinitivo, perde o “r” final, assim como em certas situações informais de fala. Em (10) e (11), ocorre processo semelhante. Nesses casos, o verbo

estar é grafado da maneira como costuma ser utilizado em práticas orais/faladas em que o “cerimonioso” é preterido em favor de “simplicidade”. Dessa forma, em *está* > *ta* e *estou* > *to*, observa-se a perda da primeira sílaba dos verbos, a sílaba fraca do vocábulo. No caso de *estou* > *to*, ocorre, ainda, a omissão gráfica do “u”, uma vez que esse ocuparia uma ramificação do núcleo, constituindo, assim, “falso ditongo” (BISOL, 2005). Segundo Bisol (2005), semivogais ou *glides*, em vocábulos como “beijo”, podem constituir os chamados “falsos ditongos” ou ditongos “leves”, porque apresentam variação com monotongos (/beiZo/ ~ /beZo/). É o que parece ocorrer com o verbo *estar*, conjugado na primeira pessoa do singular, em situações de fala informal (*estou* > *to*). O escrevente percebe, inserido em atividades verbais diversas, a ocorrência desse fato linguístico/social e representa-o na (sua) escrita.

Em (09), *menina* > *mina*, nota-se a aplicação de processo denominado *truncamento*. Segundo Gonçalves (2004), as formações truncadas sinalizam o impacto pragmático do falante em relação ao enunciado, ao referente ou ao interlocutor. Dessa maneira, o truncamento pode ser concebido como recurso morfológico expressivo por meio do qual aquele que enuncia imprime sua marca ao enunciado, nele inscrevendo-se explícita ou implicitamente.

De maneira resumida, as abreviaturas de Tipo C podem ser vistas como tentativas de plasmar, na escrita, características reconhecidas como pertencentes à expressividade de práticas informais de oralidade/fala e de letramento/escrita. Não é possível, no entanto, dizer que há “interferência” da fala na escrita. Com Corrêa (2004), privilegiamos assumir essa tentativa do escrevente como projeção da situação enunciativa concreta de informalidade, principalmente de algumas situações de fala, para a escrita (multimodal) na internet, na qual o interlocutor, fisicamente ausente, é de

tal forma projetado no texto que se impõe uma atividade de escrita que o aproxime do outro, ou, ainda, que *atualize* essa relação.

5.3.4. Tipo D

As abreviaturas do Tipo D são aquelas constituídas, basicamente, pela simplificação gráfica de dígrafos, os quais geralmente são substituídos por um único grafema com o mesmo valor sonoro do dígrafo. Abaixo, seguem enunciados com abreviaturas constituídas pela regularidade em questão.

- (12) **aNgela** fala para **A Q U I L E S**: nossa ki legal
- (13) **juninho_19** (*reservadamente*) fala para **a_gatinha**: ker tc gatinha?
- (14) **[] \$ Bed Boy \$ []** fala para **Todos**: bixo
- (15) **morena** fala para **Todos**: xau

Em (12) e (13), as abreviaturas são formadas pela substituição do dígrafo “-qu” pelo grafema “k”, de valor sonoro idêntico (*que* > *ki*; *quer* > *ker*). Se, por um lado, esse tipo de abreviação aproxima a escrita digital de práticas orais/faladas, já que busca a manutenção do mesmo padrão sonoro da sílaba, alterando somente a ortografia convencional do vocábulo, por outro lado, essas abreviaturas indiciam, também, domínio do sistema alfabético e do valor sonoro dos grafemas.

Em *que* > *ki*, além da simplificação gráfica do dígrafo, ocorre a substituição da vogal “e” por “i”. Essa substituição indicia a tentativa do escrevente de projetar, na escrita (multimodal), fato linguístico comum na fala de algumas regiões do Brasil: a elevação da vogal “e” em sílaba átona final. Já em *quer* > *ker*, o escrevente realiza a

substituição do dígrafo, mas mantém a terminação de infinitivo do verbo, a qual se perderia em uma situação informal de fala.

Em (14) e (15), o grafema substituído é o “ch-”. Em (14), *bicho* > *bixo*. No exemplo (15), é possível destacar traço interessante. Além da substituição do dígrafo, o escrevente opta por omitir o grafema “t” que compõe o vocábulo original. Podemos pensar que isso ocorre porque o sujeito possui uma informação letrada/escrita relevante, ou seja, reconhece que a sequência “tx” é sequência gráfica inexistente no português. Opta, assim, por omitir o primeiro grafema do vocábulo.

5.4. Considerações sobre a tipologia proposta

Nesta Seção, apresentamos uma proposta tipológica para analisar abreviaturas na internet, em acordo com o quadro teórico-metodológico definido. Essa tipologia busca contribuir para uma reflexão crítica acerca das práticas de letramento/escrita na rede, em particular, a propósito do suposto “assassinato” da língua portuguesa pela abreviação, reconhecida como uma das características do chamado “internetês”. Assumimos, entretanto, que essa tipologia – como outras que visam à representação de regularidades linguísticas – deve ser concebida como artificial, dada a complexidade das práticas sociais das quais os sujeitos são participantes.

O que nos interessa destacar é que a escrita (multimodal) em bate-papos virtuais é resultante de (novas) formas de relacionamento dos sujeitos, decorrentes do uso das tecnologias de comunicação e informação. Essas tecnologias, com (novos) gêneros tipicamente organizados e com dispositivos característicos, condicionam fortemente a relação entre usuários (e também não usuários) e, conseqüentemente, a (sua) escrita.

A internet é tida como tecnologia capaz de aproximar pessoas, de encurtar distâncias, de acelerar processos. As pessoas são aproximadas, mas não (ainda) a ponto que estejam ao alcance do contato físico. As distâncias são encurtadas, mas não sem que haja a “barreira” da tela do computador. Os processos são acelerados de tal forma que os relacionamentos e as práticas que se apóiam na tecnologia ganhem características específicas.

A língua não é nem poderia ser a mesma em todas as situações de enunciação. Pensar em uma única possibilidade de sua realização é tratá-la em termos de código ou abstração; qualquer referência ao outro, às *réplicas* a dizeres sócio-historicamente constituídos, aos propósitos comunicativos dos sujeitos e dos grupos, é reconhecer as relações dialógicas entre enunciados genéricos, o modo de sua constituição concreta, porque real.

6.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, investigamos a abreviação em salas de bate-papo abertas da internet, frequentadas por escreventes que dizem ter entre 15 e 20 anos. O conjunto do material analisado foi formado por duas “conversas” virtuais, com duração de 60 (sessenta) minutos cada uma, coletadas em provedor nacional. Por disporem de traços composicionais reconhecidos na atividade do chamado “internetês” – abreviaturas, mas também omissão de acentuação gráfica; repetição de vogais; modificações várias de registro gráfico; uso não convencional de sinais de pontuação; “risadinhas”; *emoticons* – ; por apresentarem temas relacionados, em grande parte, ao contato fático entre os escreventes – *nome, idade, local de procedência, e-mail, interesses gerais* –; enfim, por serem identificados por *estilo* característico, os enunciados dos bate-papos virtuais estudados foram concebidos como indícios da formação de novo *gênero de discurso* (BAKHTIN, 1997), distinto por sua natureza *hipertextual* (XAVIER, 2005; ARAÚJO & BIASI-RODRIGUES, 2005 e *multimodal* (KRESS & VAN LEEUWEN, 2001).

No interior desse gênero emergente, os escreventes são condicionados a abreviar (*as palavras incorporam as formas da natureza*), não apenas em razão da velocidade exigida nessa situação de comunicação e de possível restrição no espaço disponibilizado para a produção/circulação dos enunciados (MARCUSCHI, 2005; CRYSTAL, 2005), mas também em razão do reconhecimento de dizeres já-ditos (*as palavras são conchas de clamores antigos*) e do reconhecimento do outro – distante fisicamente – como leitor próximo e absolutamente indispensável à comunicação (*cada homem é todos os outros*).

Avaliamos, também, a importância da assunção de uma concepção de escrita como heterogênea, a fim de evitar afirmações categóricas como a de que a escrita na

internet sofreria “interferência” da fala, como sugere Crystal (2005), ao propor o termo *netspeak* (*fala da rede*) para definir a escrita produzida na internet, e Silva (2006), ao avaliar que “o discurso oral *interfere* na escrita telemática síncrona”, dentre outros autores.

Neste trabalho, a escrita é entendida, portanto, não como produto, mas como *processo* por meio do qual o escrevente circula por, pelo menos, três eixos para constituir a (sua) escrita, conforme proposta de Corrêa (2004). Esses eixos, de acordo com o autor, são lugares privilegiados para a observação do trabalho (*dialógico*) empreendido pelo escrevente. O primeiro eixo aponta para a circulação do escrevente pela gênese da escrita, ou seja, para momentos em que o escrevente procura plasmar na (sua) escrita aspectos mais relacionados a práticas orais/faladas. O segundo eixo indicia a circulação do escrevente por tentativas de alçar a (sua) escrita ao modelo de expressão considerado autônomo: a escrita culta formal. O terceiro eixo, base do processo de constituição da escrita e do escrevente, refere-se à dialogia com o já falado/escrito (CORRÊA, 2004).

A concepção de escrita adotada nos permitiu elaborar hipóteses sobre a diversidade da natureza de informações que o escrevente mobiliza para abreviar na internet. A análise das abreviaturas demonstra que o escrevente procura plasmar na (sua) escrita a presença do leitor/outro que o constitui, mas que se encontra distante fisicamente. Ao abreviar(-se), o escrevente diminui a percepção de distanciamento que poderia ser dificuldade em um bate-papo informal. De maneira oposta ao distanciamento que o enunciado da personagem de Guimarães Rosa parece prever (*Cê vai, ocê fique, você nunca volte!*), a abreviação na internet busca aproximar escrevente e leitor, por meio de recursos específicos (abreviação), decorrentes de situação comunicativa específica: a de um bate-papo digital.

O trabalho com os dados foi feito de duas maneiras. A primeira é percentual. Realizamos um levantamento numérico e percentual a fim de verificar a recorrência dos fenômenos linguísticos investigados. A segunda maneira é qualitativa, *indiciária (não afundar estradas, mas inventar caminhos)*. Com Ginzburg (1986), acreditamos que dados marginalizados podem ser reveladores da relação entre escrevente e leitor e entre escrevente e linguagem. Esse *paradigma indiciário* ofereceu suporte à elaboração das hipóteses explicativas sobre o modo de funcionamento da abreviação na internet.

Observamos, pois, a existência de regularidades linguísticas que regem a formação de abreviaturas, as quais foram agrupadas em quatro tipos.

O Tipo A refere-se às abreviaturas formadas, basicamente, pelo primeiro grafema de cada sílaba que constitui o vocábulo gráfico (por exemplo, *vc > você*). De forma geral, ocorre o apagamento da vogal nuclear e a manutenção da consoante que ocupa a posição de ataque silábico. Desse modo, a formação silábica “ideal” para a aplicação desse tipo é a CV (sílabas formadas por consoante e vogal). O Tipo A pode ser considerado como prototípico, uma vez que a maior parte das abreviaturas encontradas no conjunto do material é formada de acordo com essa regularidade (55,8% de um total de 444 registros de abreviaturas).

O Tipo B, o segundo mais produtivo na análise do material (31,9% do total de 444 registros de abreviaturas), diz respeito às abreviaturas provenientes, principalmente, de empréstimos de língua estrangeira (por exemplo, *add > adicionar*). De nosso ponto de vista, essas abreviaturas indiciam, sobretudo, a circulação do escrevente por práticas letradas/escritas, bem como sua tentativa de mostrar ao coenunciador a competência em se aproximar por meio do uso da tecnologia de comunicação em questão.

As abreviaturas de Tipo C indiciam a circulação do escrevente especialmente por práticas orais/faladas mais informais, uma vez que muitas dessas abreviaturas

parecem mostrar a busca do sujeito por plasmar, na (sua) escrita expressões ou características dessas práticas de oralidade/fala (por exemplo, *menina* > *mina*). A respeito das abreviaturas do tipo C, gostaríamos de salientar que, no conjunto do material, foram encontradas 39 ocorrências relacionadas a esse tipo (8,7% do total). Destacamos, pois, resultado interessante obtido nesta pesquisa: na análise conjunta, enquanto as abreviaturas do Tipo C indiciam (em menor número) relação mais estreita do escrevente e da (sua) escrita com práticas sociais mais informais da oralidade/fala, as abreviaturas do Tipo B apontam (em maior número) para conhecimento de práticas letradas/escritas, principalmente, em contexto digital. Contrariamente, pois, ao que apregoam os avessos às práticas na internet, a escrita nesse ambiente parece se relacionar menos com práticas orais/faladas do que práticas letradas/escritas, ainda que não sejam as legitimadas pelas instituições sociais.

Por fim, as abreviaturas de Tipo D relacionam-se aos momentos em que há simplificação de dígrafos, com substituição por grafemas de mesmo valor sonoro (*aki* > *aqui*). Por meio de abreviaturas desse tipo, os sujeitos escreventes de bate-papos virtuais demonstram domínio do sistema alfabético e da relação entre letras e sons; portanto, mostram domínio, mais particularmente, de práticas letradas/escritas e orais/faladas.

Com a organização das abreviaturas em tipos, procuramos mostrar que a abreviação digital, tida como caótica e assistemática, é, na realidade, regida por regras partilhadas entre os escreventes e baseadas em seu conhecimento da língua e dos modos de interação com o outro.

O que, de fato, importa não é a organização tipológica das abreviaturas, que pode ser tomada como artificial, uma vez que procura categorizar aspectos por demais complexos das práticas sociais. De nossa perspectiva, destacamos a abreviação como resultante do modo de enunciação escrito digital em bate-papos virtuais. Como

escrevente e leitor dividem o mesmo tempo no processo de interação, mas não o mesmo espaço – o qual, em salas de bate-papo abertas, é digital –, abreviaturas como “vc”, além da economia de tempo, promovem abreviação de distâncias, tornando o bate-papo mais informal, próximo e “íntimo”. Assemelhando-se ao processo de redução que ocorre com nomes próprios (“Natália” converte-se em “Na”, “Beatriz”, em “Bê”, e assim por diante), a abreviatura “vc” promove informalidade, “intimidade”, proximidade.

No caso do verbo “teclar”, abreviado como “tc”, nota-se que *a redundância de dizer a ação que está em processo de andamento manifesta-se na/pela linguagem*. Dizer “tc” implica realizar o ato que está em questão, porque o proferimento de certas palavras é uma das ocorrências na realização de um ato, cuja realização é, também, alvo do proferimento (AUSTIN, 1990). Assim sendo, perguntar “vc tc d ond?” (‘você tecla de onde?’) não é somente indagar o interlocutor acerca de seu interesse pelo locutor do enunciado. Nesse caso, perguntar é, também, realizar o ato de “teclar”.

O processo de abreviação na internet é, pois, mais complexo do que supõem os críticos que se munem de argumentos que produzem preconceitos contra essa prática de escrita. As abreviaturas emergem não porque os indivíduos que frequentam salas de bate-papo virtuais desejam ser idiossincráticos, ousados ou “moderninhos”. Elas emergem, principalmente, em decorrência do tipo de relação – *líquida* (BAUMAN, 2004), porque caracterizada pela não permanência e fragilidade das relações entre os sujeitos – estabelecida entre os que tencionam nada mais que o (re)conhecimento de si e do(s) outro(s).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, J. C. A conversa na *web*: o estudo da transmutação em um gênero textual. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (org.) *Hipertexto e gêneros digitais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

ARAÚJO, J. C.; BIASI-RODRIGUES, B. *Interação na internet: novas formas de usar a linguagem*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

ARAÚJO, J. C. *Os chats: uma constelação de gêneros na internet*. 2006. Tese (Doutorado) em Linguística. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza (CE): /s.n./, 2006. Orientador: Bernardete Biasi-Rodrigues.

AUSTIN, J. L. *Quando dizer é fazer: palavras e ações*. Porto Alegre (RS): Artes Médicas, 1990.

BAGNO, M. A inevitável travessia: da prescrição gramatical à educação linguística. In: BAGNO, M; GAGNÉ, G; STUBBS, M. *Língua materna: letramento, variação e ensino*. São Paulo: Parábola, 2002.

BAKHTIN, M. M. Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARROS, M. *Memórias inventadas: as infâncias de Manoel de Barros*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010.

BAUMAN, Z. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BISOL, L. *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

BRAGA, D. B. A constituição híbrida da escrita na internet: a linguagem nas salas de bate-papo e na construção de hipertextos. *Leitura: Teoria & Prática*, Campinas (SP), v. 34, p. 23-29, 1999.

CAMARA JR., J. M. As estruturas da sílaba In.: _____. *Problemas de Linguística Descritiva*. Petrópolis: Editora Vozes, 1970.

CAMARA JR., J. M. *Dicionário de lingüística e gramática*. Petrópolis: Vozes, 1977.

CAGLIARI, L. C. A origem do alfabeto. Disponível em: <http://www.dalete.com.br/saber/origem.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2010.

CHAFE, W. L. Linguistic differences produced by differences between speaking and writing. In: OLSON, D.R. *et al.* (orgs.) *Literacy, language, and learning: the nature and*

consequences of reading and writing. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. p.105-123.

CHAUÍ, M. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 1995. p.247-287.

COLLISCHONN, G. A sílaba em português. In: BISOL, L. (Org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 4 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005, p. 101-129.

_____. *Fonologia do português brasileiro, da sílaba à frase*. Rio Grande do Sul: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006. (Mimeo)

CORRÊA, M. L. G. *O modo heterogêneo de constituição da escrita*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. Relações intergenéricas na análise indiciária de textos escritos. *Trabalhos de Lingüística Aplicada*, Campinas, 45(2): 205-224, Jul./Dez. 2006.

CORTELLA, M. S. *Não nascemos prontos! Provocações filosóficas*. São Paulo: Vozes, 2009.

COUTO, M. *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CRYSTAL, D. *A revolução da linguagem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

DUBOIS, J. *et alii. Dicionário de Lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1978.

FIORIN, J. L. Interdiscursividade e intertextualidade. In: BRAIT, B. (org.) *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006. p.161-193.

FUSCA, C.; LUIZ SOBRINHO, V. V. Abreviaturas na internet: aspectos gráficos, fonético-fonológicos e morfológicos no registro da coda silábica. *Cadernos de Educação*. Pelotas (35): 221-245, janeiro/abril 2010.

GALLI, F. C. S. (Ciber)espaço e leitura: o mesmo e o diferente no discurso sobre as “novas” práticas contemporâneas. 2008. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP.

GNERRE, M. Linguagem, poder e discriminação. In: _____. *Linguagem, escrita e poder*. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p.5-34.

GINZBURG, C. *Mitos, emblemas e sinais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

GONÇALVES, C. A. V. Processos morfológicos não-concatenativos: formato prosódico e latitude funcional. *Alfa – Revista de Lingüística*, Araraquara, v. 48, n.2, p.30-66, 2004.

- GRILLO, S. V. C. Esfera e campo. In: BRAIT, B. (Org.) *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006. p.133-160.
- JAKOBSON, R. (1985) Fonema e fonologia. In: SAUSSURE, F. de et al. *Textos selecionados*. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural (Coleção “Os pensadores”).
- KOCH, I. G. V. Linguagem e interação face a face. In: _____. *A inter-ação pela linguagem*. 8.ed. São Paulo: Contexto, 2003. p.77-128.
- KOMESU, F. C. A modalidade escrita nas páginas eletrônicas pessoais da internet: o uso de *emoticons* e de ‘risadinhas’. *Sínteses – revista dos cursos de pós-graduação*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2002.
- KOMESU, F. C. *Entre o público e o privado: um jogo enunciativo na constituição do escrevente de blogs na internet*. 2005. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP.
- KOMESU, F. C.; TENANI, L. E. Práticas de letramento/escrita no contexto da tecnologia digital. *Revista Eutomia*, v.1, p.1-15, 2010.
- KRESS, G. & VAN LEEUWEN, T. *Multimodal discourse: the modes and media of contemporary communication*. London: Arnold, 2001.
- LUIZ SOBRINHO, V. V.; KOMESU, F. C.. Ausência total de vírgulas em enunciados de bate-papo virtual: critérios para a categorização de um gênero do discurso. *VI Congresso Internacional da Abralin*, 2009, João Pessoa - PB. Anais, 2009. v. I.
- LUIZ SOBRINHO, V. V. . *A ausência total de vírgulas em enunciados de bate-papo virtual*. 2010 Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (IBILCE), Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto/SP.
- LUFT, C. P. *Grande manual de ortografia Globo*. Rio de Janeiro: Globo, 1987.
- MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2004.
- _____. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (org.) *Hipertexto e gêneros digitais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- ROSA, G. A terceira margem do rio. In: _____. *Primeiras histórias*. São Paulo: Folha de São Paulo, 2009.
- SACONI, L. A. *Nossa gramática: teoria*. São Paulo: Atual, 1990.
- SELKIRK, E.O, The syllable. In: HULST, F.V. & SMITH, N. (orgs.) *The structure of phonological representations*. Dordrecht: Foris, 1982.

SILVA, C. A. M. *Língua@chat.pt* – a escrita telemática síncrona como elemento revelador de conhecimentos linguísticos intuitivos dos falantes. 2006. Dissertação de mestrado, Universidade do Porto, Cidade do Porto.

_____. (2009) “dd tc” – alteração à estrutura das sílabas nos *chats*. *Revista electrónica de lingüística dos estudantes da Universidade do Porto*. Disponível em: <http://cl.up.pt/elingup/vol1n1/article/article_2.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2010.

XAVIER, A. C. Leitura, texto e hipertexto. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (org.) *Hipertexto e gêneros digitais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

]

Autorizo a reprodução deste trabalho.

São José do Rio Preto, 07 de fevereiro de 2011

CARLA JEANNY FUSCA